



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**MÉTODOS ATIVOS DE APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA: UM ESTUDO DE CASO
SOBRE AS TURMAS DE 2º ANO DO ENSINO MÉDIO NA REDE PÚBLICA DE
FEIRA NOVA - PE (2019)**

ALVANIR IVANEIDE ALVES DA SILVA

**RECIFE
2021**

ALVANIR IVANEIDE ALVES DA SILVA

**MÉTODOS ATIVOS DE APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA: UM ESTUDO DE CASO
SOBRE AS TURMAS DE 2º ANO DO ENSINO MÉDIO NA REDE PÚBLICA DE
FEIRA NOVA - PE (2019)**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado a Universidade Federal Rural de Pernambuco – UAEADTec, no curso de Licenciatura Plena em História, como pré-requisito para a aprovação na disciplina Monografia.

Orientação: Prof. Dr. Leandro Nascimento de Souza.

RECIFE

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S586m Silva, Alvanir Ivaneide Alves da
Métodos ativos de aprendizagem em história: um estudo de caso sobre as turmas de 2º ano do ensino médio na rede pública de Feira Nova - PE (2019) / Alvanir Ivaneide Alves da Silva. - 2021.
73 f.
- Orientador: Leandro Nascimento de Souza.
Inclui referências e apêndice(s).
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em História, Recife, 2021.
1. Métodos Ativos. 2. Ensino de História. 3. Aprendizagem. I. Souza, Leandro Nascimento de, orient. II.
Título

CDD 909

FICHA DE APROVAÇÃO:

**MÉTODOS ATIVOS DE APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA: UM ESTUDO DE CASO
SOBRE AS TURMAS DE 2º ANO DO ENSINO MÉDIO NA REDE PÚBLICA DE
FEIRA NOVA - PE (2019)**

A comissão avaliadora composta pelos professores a baixo listados
considera a aluna **ALVANIR IVANEIDE ALVES DA SILVA**: APROVADA

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Leandro Nascimento de Souza.

Profa. Ma. Luciene Santos Pereira da Silva

Prof. Me. Adriano de Araújo Santos

Recife 03/08/2021

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus pelo dom da vida, pela oportunidade concedida, por tudo o que já tem me proporcionado e pelo que ainda há de oportunizar. Além disso, sou grata por renovar em mim a fé e a vontade de perseverar.

Agradeço também ao meu pai Aurino, minha mãe Ivaneide e as minhas irmãs Aline e Aurineide, vocês que me encorajaram a dar continuidade aos meus sonhos e projetos, sempre ao meu lado, me apoiando e me ajudando nas tomadas de decisões.

Também manifesto minha gratidão à coordenação do curso, a todos os professores, tanto os executores quanto os tutores virtuais e presenciais, que fizeram parte da minha trajetória e contribuíram imensamente para minha formação. Em especial ao professor Dr. Leandro Nascimento pela orientação desta monografia, por toda paciência e prestatividade. Também agradeço aos professores Mestres, Luciene Santos e Adriano Araújo, por terem aceitado participar da banca avaliadora na defesa e por toda contribuição.

Por fim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta e indireta para a construção desta pesquisa, também a escola que me possibilitou a vivência prática de estágios, onde pude observar a prática pedagógica ativa. Assim como, aos amigos mais próximos que pude fazer ao longo do curso, em especial a Maria Huberlândia, pela parceria em atividades, estágios e trabalhos. Pois, através da contribuição de todos é que foi possível chegar até aqui.

Dedico este trabalho aos meus pais por todo apoio e força, às minhas irmãs pelo companheirismo e a mim mesma pelos meus esforços.

“O processo de ensino-aprendizagem deve ser algo prazeroso que nos dê vontade de continuar”.

Maria Clara Fraga Lopes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 A PRÁTICA DO ENSINO CONSTRUTIVO E AS METODOLOGIAS ATIVAS NAS AULAS DE HISTÓRIA	13
1.1 ELEMENTOS ATIVOS NO PROCESSO DE ENSINO.....	13
1.2 MÉTODOS ATIVOS DE APRENDIZAGEM.....	17
2 O MÉTODO DA PESQUISA NA DOCÊNCIA E NA SALA DE AULA	23
2.1 A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA DESDE A FORMAÇÃO DOCENTE ATÉ A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE HISTÓRIA.....	23
2.2 A PRÁTICA DA PESQUISA COMO MÉTODO ATIVO NO ÂMBITO ESCOLAR: SUAS POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS.....	26
3 AS VIVÊNCIAS DOS MÉTODOS ATIVOS DE APRENDIZAGEM NA PRÁTICA DO ENSINO DE HISTÓRIA	31
3.1 A CONCEPÇÃO DA METODOLOGIA ATIVA EM HISTÓRIA DESDE A ETAPA DA FORMAÇÃO DOCENTE.....	31
3.2 A IMPORTÂNCIA DOS MÉTODOS ATIVOS NA SALA DE AULA.....	34
3.3 A PRÁTICA DOS MÉTODOS ATIVOS EM TURMAS DE HISTÓRIA DE 2º ANOS DO ENSINO MÉDIO.....	38
3.4 PLANO DE ENSINO.....	42
CONCLUSÕES	45
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE	49
RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO II: PLANEJAMENTO NO ENSINO MÉDIO.....	49

INTRODUÇÃO

A prática pedagógica no âmbito educacional necessita de ações construtivas e positivas que contribuam com a aprendizagem, neste contexto, tratando-se do ensino de História enquanto disciplina escolar ofertada na educação básica, é fundamental que sejam criadas possibilidades ativas e métodos eficazes que possibilitem aos discentes, atuarem tanto de forma autônoma, quanto de forma interdisciplinar no campo do saber.

Por meio dessa perspectiva, foi analisado a importância da utilização dos métodos ativos de aprendizagem na atuação do professor de História em sala de aula, mais preciso a um público de 2º anos do Ensino Médio (EM), em uma escola de rede pública na cidade de Feira Nova - PE, na qual foi possível refletir sobre um olhar crítico e reflexivo acerca da relevância de atividades mediadoras e com dinâmicas à ampliação e conexões de conhecimentos.

Considerando que a educação deve incluir uma metodologia ativa no ensino de História e elementos que sejam estimulantes e pluridisciplinares, sobretudo na contribuição social, cultural e histórica do aluno. No mesmo espaço de uma didática dialógica, promovendo um ensino que possibilite a aprendizagem através da inovação e participação mútua.

Dessa maneira, a ação docente interativa pode possibilitar no ensino de História o desenvolvimento de indivíduos reflexivos, que a partir da mediação estabelecida pelo professor, partindo de seu referencial teórico e sua prática educativa, desenvolva um ambiente de aprendizagem enriquecedor, com aulas tanto expositivas, quanto práticas.

O ensino de história desenvolvido de forma participativa, estimulando a autonomia do estudante, contribui como mais uma ferramenta para a mudança no paradigma de que a história é uma disciplina pautada em decorar datas e distante da realidade. Mostrando as possibilidades de compreensão do mundo a partir do conhecimento e reflexão histórica.

Todavia, a prática do ensino de História está diariamente cercada de desafios, dentre eles, a desestimulação e pré-julgamentos, fruto de um ensino que a anos veio sendo pautado em memorização. Nessa perspectiva, objetivando um aprendizado onde o ensino humanizado é capaz de contribuir para formação intelectual e social dos discentes, debruçamos esta pesquisa no estudo da utilização de metodologias

ativas como recurso propício, capaz de possibilitar aulas atrativas e produtivas no campo historiográfico.

Nesse contexto, abordamos como ações ativas no ensino de história podem proporcionar uma educação proficiente, ágil e responsável. Dessa forma, adequamos a pesquisa tanto na relação de conhecimento teórico e a prática docente, quanto na utilização de métodos ativos na educação básica pública, em aulas de História.

Com essa proposta, fundamentamos a importância de uma educação transformadora e mediada aos discentes. Nesse sentido, também enfatizamos a importância do Estágio Curricular Supervisionado II que é uma disciplina obrigatória no âmbito do curso de licenciatura em história a distância, realizado em instituição pública e sem remuneração, pelo qual é visado a prática observatória em escolas do Ensino Médio e em aulas de História, possibilitando a prática sobre planejar e pesquisar acerca de diferentes metodologias para elaborar um planejamento didático.

Para cursar a disciplina de Estágio II o discente deve preencher adequadamente 1 via do Seguro de Estágio e 3 vias do Termo de Compromisso (uma para a escola na qual realizará o estágio, uma para a Universidade Federal Rural de Pernambuco e uma para o aluno). Os documentos devem ser providenciados com orientação do professor executor da disciplina e supervisor da escola, pois de acordo com a lei de estágio (Lei 11.788/2008)¹ é previsto que todo estagiário seja acompanhado por um supervisor, tanto na universidade, o chamado orientador de estágio, quanto no local em que desenvolve o estágio, o supervisor de campo, sem os quais o estudante não pode desenvolver o estágio.

Assim sendo, sistematizamos neste trabalho as contribuições do Relatório Final da disciplina de Estágio Supervisionado II² proporcionado no 5º período do curso de História, no ano de 2019, articuladas a problemática de pesquisa: A utilização de métodos ativos de aprendizagem para transformar o ensino de História em aulas ricas no campo do saber, capazes de proporcionar aos estudantes um espaço significativo de aprendizado, assim como uma visão crítica e reflexiva do passado e sua

¹ A Lei 11.788/2008, também chamada de lei de estágio, é responsável por organizar e assegurar a proteção e direitos aos estagiários. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11788.htm. Acesso em: 15 de jun. 2021.

² Estágio Curricular Supervisionado II é o estágio observatório realizado em escola pública de nível médio, na qual tem a função de visibilizar o planejamento e os métodos pedagógicos em sala. SILVA, Alvanir Ivaneide Alves da; Estágio Curricular Supervisionado II: Planejamento No Ensino Médio (Relatório Final). Licenciatura em História, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Limoeiro, 2019.

compreensão na atualidade.

O trabalho encontra-se dividido em três capítulos, onde foi abordado tanto acerca da visibilidade dos métodos ativos pelo docente desde sua formação acadêmica, até sua atuação em sala de aula. Sendo necessário o uso de um planejamento indispensável que permite que as aulas sejam organizadas e estabeleçam nexos entre si, do mesmo modo que precisa ser pautada em pesquisas para que ocorra um partilhamento de informações produtivo e coeso.

O primeiro capítulo intitulado de “*A prática do ensino construtivo e dos métodos ativos nas aulas de história*”, foi organizado em dois tópicos. O primeiro foi desenvolvido visando acerca de um espaço escolar participante para que os discentes pudessem pensar historicamente. Também deu enfoque ao planejamento, que por meio dele é possível dar uma maior visibilidade acerca das especificidades do público de alunos, a fim de utilizar uma metodologia ativa que necessita estar ligada com as particularidades e especificidades de cada turma.

Já no segundo tópico foi visibilizado propostas de métodos ativos que podem favorecer o engajamento dos alunos, diversificando as possibilidades de integração dos conteúdos históricos escolares, pois a metodologia ativa é desenvolvida por meio da relação entre prática e experiências vivas de aprendizagem.

E como a História enquanto ciência, deve ser analisada e revisitada por meio da pesquisa, foi abordado no segundo capítulo “*O campo da pesquisa na docência e na sala de aula*”, onde foi relacionado que para um desenvolvimento de uma metodologia ativa, é fundamental que o professor esteja ligado ao campo da pesquisa, etapa que é indispensável no campo historiográfico.

Portanto, no primeiro tópico argumentamos que ensinar História também significa se debruçar no campo da pesquisa, pois é essencial à formação de um professor pesquisador. A pesquisa faz parte de toda etapa educacional do docente, desde os assuntos tratados e objetivados a abordar com os alunos, até a fase de planejamento onde o professor tem a possibilidade de integrar os métodos que são vistos na prática como forma de diversificar e atrair a atenção dos alunos para a prática das aulas.

Dessa maneira, como em sala de aula devemos valorizar a capacidade de conhecimento prévio do aluno, é fundamental que esse aluno também seja colocado no campo do saber fazer, por isso no segundo tópico do 2 capítulo explanamos acerca da prática da pesquisa no ensino médio, evidenciando uma mudança de paradigma

tradicional, haja visto que incluir os alunos no campo da pesquisa é proporcioná-lo autonomia para conhecer e respeitar o diferente.

Já o terceiro capítulo nomeado de “As vivências dos métodos ativos de aprendizagem na prática do ensino de História”, foi ordenado em quatro tópicos, nos quais foram dados visibilidade acerca das concepções de uso dos métodos ativos desde a formação do docente, até a sua atuação nas aulas, onde pode propiciar um espaço construtor de conhecimento.

Destacando o item três deste capítulo, no qual foi realizado uma interligação concisa de métodos ativos de aprendizagem em História com o estudo de caso. Nele foi possível fazer uma relação sucinta entre a prática analisada em sala com a interatividade gerada pela dinamização de uma metodologia atuante. Além disso, foi desenvolvido no quarto tópico um plano de ensino para turmas de 2º anos, contendo a utilização do jogo pedagógico e a produção de um mini vídeo como sugestões para um ensino de História lúdico, coletivo e utilizando recursos tecnológicos.

E como metodologia de pesquisa para o desenvolvimento desta monografia, foi utilizado a pesquisa qualitativa, através do estudo de caso, e a coleta de dados foi a partir da observação presencial da escola e das aulas de história, assim como entrevistas realizadas com a equipe gestora, pedagógica e docente.

Como referencial temático acerca dos métodos ativos de aprendizagem foi utilizado as contribuições de Bacich e Moran (2018), por meio da obra *“Metodologias ativas para uma educação inovadora”*, Fochi (2015) com a obra *“Metodologia do ensino da História”* e Bittencourt (2008) através da obra *“Ensino de história: fundamentos e métodos”*.

Além disso, visando uma prática que utiliza uma didática acessível aos educandos, foi utilizado a *“Didática reconstrutiva da História”* da historiadora Schmidt (2020) e *“Didática e prática de ensino de História”* da professora Selva Fonseca (2003). E na perspectiva de uma prática atuante em sala, foi utilizado o livro *“Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa”* de Freire (1996) e o livro *“História na sala de aula”* organizado por Karnal (2007). E como ensinar também é pesquisar, foi usado a obra *“Papel da pesquisa na formação e na prática dos professores”* da pesquisadora Marli (2017).

Ademais, para abordar os tipos de métodos ativos, foi especificado para o uso do jogo pedagógico as obras de Lima (2018), *“Ludicidade dialógica no ensino de História”* e de Fermiano (2005), *“O jogo como instrumento de trabalho no ensino de*

História". Para o uso do vídeo foi analisado o artigo "Contribuições para o processo de ensino/aprendizagem a distância: a utilização do vídeo como recurso didático", da autora Aldeci Santos (2016). E como o ensino ativo também pode estar atrelado aos recursos tecnológicos, foi utilizado o pesquisador Caetano (2015) em sua obra "*Tecnologia e Educação: quais os desafios?*". Além disso, foi utilizado demais obras que estão citadas ao longo do texto.

Além do mais, foi investigado sobre um olhar crítico à análise das fontes de pesquisa, já que requer do historiador uma leitura concisa e reflexiva, etapa indispensável da pesquisa histórica para chegar-se a uma informação coesa. Haja visto, se tratando da metodologia do ensino de História é necessário o uso da pesquisa tanto para o professor, quanto para o historiador, pois é fundamental uma construção teórico-metodológica para o ensino de História.

1 A PRÁTICA DO ENSINO CONSTRUTIVO E AS METODOLOGIAS ATIVAS NAS AULAS DE HISTÓRIA

1.1 ELEMENTOS ATIVOS NO PROCESSO DE ENSINO

Compreendendo que o ensino construtivo deve ser dinâmico e propício a adaptação, assim como a inovação, é dado enfoque neste capítulo para o desenvolvimento do trabalho docente, que requer a utilização de elementos diversos para que ocorra de forma interdisciplinar e sociável, de maneira a “assegurar uma aprendizagem efetiva e coerente” (BITTENCOURT, 2008, p. 140).

A partir da década de 80 do século XX, foram pautadas no Brasil reformulações curriculares no ensino de História, objetivando especificidades no desenvolvimento social dos discentes, reconhecendo a capacidade dos educandos de terem conhecimentos próprios, desenvolvidos pela história de vida e pela aprendizagem adquirida na escola. Partindo desse argumento, Bittencourt (2008) destaca a defesa de que a união entre método e conteúdo é de suma importância, pois possibilita uma aprendizagem em História mais interdisciplinar.

Em razão de que no processo educativo não é apenas a figura do professor que irá conceder conhecimento aos estudantes, dessa forma é primordial um trabalho coletivo e completo, proporcionando caminhos para que os discentes construam competências e habilidades de aprendizado referente tanto aos conhecimentos científicos, quanto sociais, fazendo com que os alunos passem a ter uma visão de mundo mais conscientizada.

Nessa perspectiva, se faz necessário um espaço escolar participante para que os discentes passem a pensar historicamente, bem como a compreender melhor e entender o seu meio social e o mundo em que vive, “isto é, a história escolar suscita discussões a respeito do conhecimento que deve ser ensinado, assim como de quais agentes e grupos sociais devem ser representados na educação básica” (BICHARA, p. 194, 2020).

Haja visto que, a história se compromete a ajudar o educando a perceber as mudanças em um mundo em que elas ocorreram numa velocidade jamais imaginada e ao mesmo tempo, a captar ações que continuam se propagando e se consolidando no tempo, salientando que é de suma importância realizar o ligamento dos sujeitos e

temas históricos com a realidade social dos alunos, para expandir uma visão e compreensão crítica reflexiva.

A escola sendo um espaço propício a construção de conhecimento, privilegia o desenvolvimento apto das disciplinas escolares, dentre elas, a de História, que entende a competência dos educandos de desenvolverem um conjunto de saberes, desde os conteúdos escolares, até a interdisciplinaridade com outras épocas e temáticas sociais, assim como, suas ações na sociedade a qual estão inseridos.

Assim sendo, o método de ensino se articula com os conteúdos históricos, proporcionando um ambiente que compartilha uma educação organizada e rica em saberes, onde o ensino humanizado é capaz de contribuir para formação intelectual e social.

A educação sendo a base da formação da sociedade, quando desenvolvida de forma articulada com a prática deixa de ser apenas reprodutiva de conteúdos e em se tratando de aulas de Histórias que abordam fatos históricos, podem ser desconstruído estereótipos e preconceitos do passado que acabaram sendo disseminados, e contribuir para a construção de um presente e futuro mais igualitário.

Dessa maneira, a diversidade de métodos ativos na prática de ensino é útil quando aplicada adequadamente e se tornam meios para o avanço educacional, como defendido por Lilian Bacich e José Moran (2018), onde é evidenciado que o docente na posição de mediador, necessita realizar um planejamento prévio que também esteja apto a adaptação, possibilitando que os alunos construam sua aprendizagem na prática, mas atuando de acordo com o seu próprio ritmo.

As práticas de ensino não podem acontecer de forma improvisada e desorganizada, é necessário procedimentos planejadores que desenvolva uma educação democrática, possibilitando a “socialização do conhecimento acumulado pela humanidade ao longo da história” e a “criação de um novo saber” (SANTOS; SILVA; SIQUEIRA, 2010, p. 15), afim de gerar ações reflexivas que atendam às necessidades dos educandos e as necessidades da sociedade.

O planejamento além de dar uma maior visibilidade acerca das especificidades do público de alunos, também possibilitam a execução efetiva de novos métodos em sala, proporcionando atividades mediadoras e dinâmicas, desencadeadas a partir da ampliação do compromisso docente diante a sua prática, fazendo com que as conexões em sala sejam mais estreitas e desenvolvidas de forma ágil.

Os métodos ativos no ensino possuem uma importância primordial no trabalho docente, assim como suas utilizações de acordo com as especificidades do local de trabalho. A análise dos métodos realizada previamente pelo professor, possibilita o desenvolvimento das atividades aptas de acordo com as carências e desenvolturas de cada turma, contribuindo para que o ensino de História seja valorizado.

Nesse contexto, ainda segundo Bacich e Moran (2018):

a metodologia ativa se caracteriza pela inter-relação entre educação, cultura, sociedade, política e escola, sendo desenvolvida por meio de métodos ativos e criativos, centrados na atividade do aluno com a intenção de propiciar a aprendizagem (BACICH; MORAN, 2018, p. 17).

E possibilita que os alunos compreendam que a História não produz uma verdade concluída, completa e inquestionável, mas pelo contrário, ela necessita ser revista, confrontada e analisada, por meio de um movimento dinâmico e discursivo, onde o fazer e a reflexão sobre o fazer devem caminhar diretamente na construção do saber (FREIRE, 1996). Pois, informação se transforma em conhecimento quando bem organizada e desenvolvida, meio que colabora com uma educação de qualidade.

Além disso, Bacich e Moran (2018) também enfatizam que é importante que os métodos estejam ligados com as particularidades e especificidades de cada turma. Haja visto que o importante é engajar alunos na participação mútua, assim como na resolução de situações problemas, transformando a sala de aula em um espaço de aprendizado significativo, desapegando-se dos padrões monótonos e apegando-se aos paradigmas de estímulos.

O papel do professor atualmente não está restrito em apenas passar ou delimitar informações, ele tem se tornado cada vez mais amplo e complexo. O docente tem se tornado um mentor de atividades, diálogos e pesquisas, pois quando o ensino ofertado é atrativo, o estudante participa e se envolve mais, em um espaço de relação entre teoria e prática, distinguindo o simples ensinar, pela relação do ensino que envolve a coletividade de indivíduos.

A prática docente mediadora, ela “envolve recursos diversos para aproximar o aluno da compreensão do objeto de estudo”, nessa perspectiva o exercício em sala “ao comunicar conhecimentos, o professor favorece a aproximação do aluno àquilo que foi historicamente construído pela humanidade em relação ao objeto de estudo” (BACICH; MORAN, 2018, p. 194), desenvolvendo a compreensão e dando voz e fala aos educandos.

Quando essas ações ocorrem na prática é perceptível a conscientização dos professores de História diante de suas responsabilidades sociais frente aos alunos, já que estão objetivando ajudá-los a compreender os aspectos históricos existentes e a sociedade a qual estão inseridos, a fim de melhorar o desenvolvimento do meio em que vivem, se tornando capazes de atuar no campo do saber (KARNAL, 2007).

A historiadora Schmidt (2020), retrata bem acerca da vida prática na compatibilidade da relação do ensino e aprendizagem da História, retratando um novo paradigma sobre a metodologia do ensino, onde é contido a importância do ensino, da história e da educação histórica. Justamente o que é possível trabalhar utilizando métodos construtivos, contribuindo para a produção de um saber eficaz e interdisciplinar, que ocorre na prática, entre professor e aluno, da mesma forma que entre os próprios alunos.

Uma perspectiva que conta com a interação dentro da escola, não limitando o ensino de história apenas entre as paredes da sala de aula, mas levando-o além, com ações estratégicas no campo do ensino, intercalando conhecimentos históricos científicos com a efetividade dinâmica em sala, onde no mesmo tempo que atrai a atenção dos educandos, afasta-os das redundâncias e reprodução de aspectos.

O profissional de História pode utilizar estratégias que diversifiquem a sua atuação em sala, onde possibilite ser abordado as diversas experiências humanas, já que a sala de aula é um espaço de imensa diversidade e expressões culturais, dando voz e ação aos educandos, possibilitando a capacidade de questionamentos, debates, articulações de conhecimentos e saberes.

Fochi (2015), também evidencia que a didática e a metodologia do ensino devem ocupar um espaço em equilíbrio, na mesma esfera das pesquisas e dos temas históricos, pois um ensino aprendizagem pluridisciplinar é desenvolvido com o uso de uma boa didática, ligando diretamente os docentes já formados ou os docentes em formação, com o campo escolar, a fim de desenvolverem um ensino construtivo, longe dos padrões tradicionais.

A História possui um conteúdo escolar que necessita estar articulado, desde o início da escolarização, com os fundamentos teóricos e critérios metodológicos, a fim de evitar abordagens e conotações de juízo de valor, cargas morais ou perpassadas por tendências dogmáticas e estigmatizadas. (FOCHI, 2015, p. 25)

Na prática educativa com a utilização de uma didática construtiva é possível “estabelecer metodologias que privilegiam, durante a aula de História, a relação passado, presente e futuro, como uma reconstrução que possibilite novas narrativas históricas” (PINA; SILVA, 2020, p. 230). Nessa circunstância, quando o exercício da docência é desenvolvido por meio de atividades diversificadas, promove um ensino aprendido enriquecedor.

E se tratando de Ensino Médio, que se constitui como a última etapa da educação básica, possuindo como eixos norteadores os princípios da contextualização e da interdisciplinaridade, espera-se então uma prática de ensino aprendizagem comprometida e colaborativa, já que se trata de um público que tem uma bagagem de conteúdos adquiridas em anos anteriores, nesse ponto, possibilita-se um alargamento das possibilidades de relações ativas no campo do ensino (MARTINS; SOARES; NASCIMENTO, 2011).

Ao realizar uma reflexão acerca de uma regência pedagógica que utilize a metodologia ativa de aprendizagem, é compreensível que o planejamento das atividades do docente envolva componentes que são indispensáveis na prática educacional, entre eles está: o diálogo construtivo, a partilha de informação, a ludicidade e a pesquisa. O que pode contribuir com um aprendizado proficiente, não é o tradicionalismo de aulas apenas expositivas, mas a interligação, que forma seres críticos, criativos e participativos no campo historiográfico.

1.2 MÉTODOS ATIVOS DE APRENDIZAGEM

Os métodos ligados a metodologia ativa são bem variados, possibilitando aulas que vão desde o compartilhamento de vídeos e prática de pesquisas, até a produção e execução de jogos pedagógicos, evidenciamos neste ponto, a importância autônoma e ativa do professor, que adapta e varia seus métodos objetivando promover o potencial dos educandos.

O educador então consegue desenvolver aulas positivas com o apoio tecnológico e dialógico, construindo um ensino de História também de análise visual,

o que desencadeia questionamentos e reflexão nos alunos, pois como é defendido por Karnal (2007), a História tem importância super atual em nossa sociedade, mas é necessário que seja bem ensinada e abordada para que venha ter uma abordagem atrativa e libertadora.

De forma que o estudo acerca do passado não seja limitado e isolado, mas colaborativo, pautado no dinamismo, onde considera como válida a autonomia e o protagonismo do educando, que podem ser ampliados de acordo com as inovações nas práticas docente, que fazem a mediação acerca da compreensão e análise do passado, desencadeando comprometimento e participação dos estudantes.

Dessa maneira, diante da multiplicidade de métodos, foi dado enfoque nesta pesquisa a três em específico: o seminário, o vídeo e o jogo pedagógico. A variedade de estratégias metodológicas quando utilizadas no planejamento docente para a prática de aulas, se torna um recurso importante, capaz de estimular a reflexão sobre questões essenciais no âmbito histórico.

A utilização das metodologias ativas é capaz de favorecer o engajamento dos alunos, diversificando as possibilidades de integração dos conteúdos, segundo Bacich e Moran, “as metodologias ativas constituem alternativas pedagógicas que colocam o foco do processo de ensino e de aprendizagem no aprendiz, envolvendo-o na aprendizagem por descoberta, investigação ou resolução de problemas” (2018, p. 80).

A partir de uma análise prévia o docente traça os objetivos que são necessários alcançar e repensa sua prática de ensino diante dos resultados adquiridos, visando um ensino aprendizagem amplo no campo epistemológico, já que “a disciplina escolar História deve contribuir para a formação de pessoas, balizada por princípios éticos, estéticos e de cidadania” (LDBEN 9394/1996)³.

Cabe ao professor realizar uma análise detalhada, buscando fontes diversificadas para realizar aulas eficazes, nos alunos uma educação inovadora e integral, pois de acordo com o Guia de História do Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD)⁴ é impossível ser realizada uma mesma aula em todas as

³ A Lei de diretrizes e bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/1996) estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 7 de jun. 2021.

⁴ O Guia é um documento que possui resenhas e informações acerca de cada uma das obras aprovadas no (PNLD), apresentando aos docentes análises, reflexões e orientações quanto ao conteúdo e estrutura das obras e suas potencialidades para a prática pedagógica.

Disponível em: <https://www.fnnde.gov.br/pnld-2018/>. Acesso em: 8 de jun. 2021.

escolas, pois “mesmo que houvesse uma normativa homogênea, as práticas docentes e discentes não seriam semelhantes” (BRASIL, 2017, p. 9), cada uma possui suas particularidades.

Os estudantes atuais estão cada vez mais atrelados aos meios tecnológicos, dessa maneira, é fundamental a interdisciplinaridade entre sala de aula e tecnologia. Já que os discentes de ensino médio possuem familiaridade com os recursos tecnológicos, faz-se necessário essa ligação diversificada, pois como defendido por Caetano (2015), o uso das tecnologias no meio educacional possibilita novas formas de aprendizagem, dando autonomia para que os alunos possam ampliar suas práticas de pesquisa e construir suas aprendizagens.

Nesse quesito, a prática de seminários como método pedagógico, desenvolve um aprendizado através da perspectiva dialógica, onde os alunos vão aprendendo por meio da interação e da partilha de informações que foram adquiridas por meio de pesquisas que necessitam ser realizadas além dos muros da escola.

Nessa concepção, o professor coloca a pesquisa historiográfica como atividade no campo do saber, além disso, contribui para uma formação de educandos pautada na interação e no diálogo, onde vão estar compreendendo e resolvendo situações problemas no campo escolar e no campo social, fora do espaço escolar (FREIRE, 1996).

A sala de aula se torna um local interativo, pois o aluno tem liberdade de questionar, perguntar, tirar suas dúvidas e uma das atividades utilizadas nesse método é a pesquisa, pois os alunos fora da escola continuarão ampliando seus conhecimentos e desenvolvendo novos. Nesse ponto, os recursos tecnológicos estão cada vez mais atrelados ao ambiente de ensino, assim como a produção de materiais didáticos que contribuem para a diversificação de atividades propostas e desenvolvidas.

Outro recurso que também pode ser utilizado por meio das mídias é o vídeo, segundo Santos (2016, p. 10), ele “permite simulações da realidade, reproduz entrevistas, depoimentos, documentários, auxilia no desenvolvimento da construção do conhecimento coletivo pela análise em grupo”, fazendo com que seja possível compreender e reinterpretar contextos históricos, tendo dessa maneira, a percepção do conhecimento social e conhecimento histórico.

O uso de vídeos em sala é um excelente recurso didático, pois abrange elementos visuais, e sonoros, podendo inclusive envolver a leitura, isso faz com que

a aula se torne mais atraente, visto que o público de ensino médio está na sua grande maioria conectado e ligado nas inovações, isto faz com que esse método proporcione uma captação melhor de atenção referente a esse público.

Já quando se é trabalhado com o jogo pedagógico, seja digital ou analógico, o docente consegue abordar a temática em sala e despertar a curiosidade epistemológica dos educandos. Segundo Lima (2018), o jogo trabalhado em articulação com o assunto abordado em sala, faz com que os alunos desenvolvam relações harmônicas com o ensino histórico, e ao mesmo tempo exponham suas opiniões, ações que possibilitam ao professor compreender melhor o desenvolvimento lúdico e cognitivo de seus alunos.

Dessa maneira, Maria Fermiano (2015) também estabelece concordância com os benefícios e contribuições que os jogos proporcionam ao ambiente de educação, pois “o jogo como um instrumento de trabalho no ensino de História, acreditando que possa ativar o trabalho mental e interpessoal, ampliando a compreensão do que está a sua volta permeada de momentos do passado, do presente e do futuro” (FERMIANO, 2005, p. 14), possibilita uma compreensão enriquecedora do processo histórico.

Além disso, ela evidencia:

O jogo possibilita a coordenação de pontos de vista e para estabelecer estratégias e ganhar a partida, é necessário colocar-se na posição do adversário, entendemos que estas mesmas habilidades são objeto do ensino de História, como já colocamos, é necessário discutir um fato, um conteúdo destacando-se a problematização, a construção de conceitos, o contexto espaço-temporal, isto é, adotar uma outra perspectiva para compreender. (FERMIANO, 2005, p. 2)

Com o jogo pedagógico, para o seu desenvolvimento e progresso, os alunos precisam dos conhecimentos acerca da temática que foi mediada pelo professor e também de raciocínio lógico. O jogo pode ser utilizado com um método de conclusão de conteúdo abordado, já que por meio dele o docente consegue observar o aprendizado dos discentes, haja visto que por meio da ludicidade os alunos irão estar demonstrando o que aprenderam e as suas carências caso ainda existam, para que venham ser possibilitado uma retomada de solução.

Ao partir dessa premissa, a prática docente deve-se desenvolver a partir de propostas ativas de educação que estimule alunos a desenvolver um conhecimento autônomo e crítico, capaz de não reproduzir passivamente o conteúdo que está sendo

abordado em livros didáticos, mas produzir ativamente, tornando-se protagonistas do saber fazer. Conforme Freire: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47).

A educação deve ser construtiva, especialmente no ensino de História, utilizando ações ativas para que seja desenvolvido conhecimentos em ambientes onde seja valorizado no aluno a capacidade de compreender, refletir e sistematizar o conhecimento, indo além dos parâmetros curriculares, mas constituindo-se enquanto seres humanos, pautados no aperfeiçoamento intelectual e social (BACICH; MORAN, 2018).

O professor nessa abordagem atua como mediador e coloca diante dos alunos, novas práticas de construir o aprendizado, sejam elas jogos, seminários, dentre outros. Reconhecendo as possibilidades de interação e dinâmica na produção do ensino aprendizagem, assim como a perspectiva dialógica diante dos fatos históricos, proporcionando um meio que construa uma visão crítica reflexiva.

Os conhecimentos prévios dos educandos devem ser valorizados, para que venham se relacionar com os novos conceitos adquiridos no ensino da História, e é necessário por meio de métodos ativos de aprendizagem que o professor consiga despertar nos alunos a necessidade de emergirem e compartilhem as percepções sociais, para a sala se torne um ambiente colaborativo, incluso e com concepções de identidade.

Em complemento, entendemos que através da elaboração e execução de métodos ativos, os educandos passam a ter contato com atividades diversificadas, que contribui para uma variação de aulas e desenvolvimento de aprendizado mediado pela atratividade de métodos pedagógicos que se constituem em um ambiente que oferta a disciplina de História, onde os conhecimentos epistemológicos são fundamentados pela prática.

Na perspectiva de que os estudantes do século XXI atuam em um espaço dinâmico de informações, é fundamental que possam ter um aprendizado proporcionado por meio de atividades estimuladas pelo uso de metodologias ativas na prática do ensino aprendizagem, para que seja disponibilizado na ação, condições autênticas e reconstrutivas de conhecimentos (BACICH; MORAN, 2018).

Quando o aprendizado é possibilitado e desenvolvido por meio da multiplicidade de abordagens, o aluno participa ativamente, indo além da realização

de simples atividades avaliativas, mas objetivando um protagonismo identitário no contexto do ensino, agindo de forma dialética no contexto escolar, ambiente de diversidade e cultura.

Destacando que a metodologia ativa no ensino possibilita um ambiente mais propício à compreensão dos conteúdos de História, que devem ser trabalhados dialogicamente e com compromisso, pois compreender a História é fundamental para que os alunos tenham noção do contexto político, cultural e social a qual estão inseridos (KARNAL, 2007).

2. O MÉTODO DA PESQUISA NA DOCÊNCIA E NA SALA DE AULA

2.1 A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA DESDE A FORMAÇÃO DOCENTE ATÉ A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Planejar, traçar estratégias e construir um ensino aprendizagem eficaz em sala, requer a articulação entre a prática no cotidiano escolar e a teoria no campo da pesquisa. Dessa maneira, o desenvolvimento de uma metodologia ativa constitui-se na atuação ativa do professor que deve equilibrar os conteúdos históricos pedagógicos, com as pesquisas (BACICH; MORAN, 2018).

No Brasil, segundo Fochi (2015), a prática da pesquisa no ensino de História é uma ação recente, que passou a ser inserida e dialogada no sistema escolar na década de 1990, mas de forma muito rasa e lenta. Nesse contexto, é necessário que o docente construa uma relação entre o saber histórico científico e o saber histórico escolar para que sua participação atuante em sala possibilite um ensino construtivo.

Compreendemos que ensinar História ainda é um desafio, pois com um sistema de ensino que propagou aulas de História tradicionalistas, focando em memorização e sem interligação de passado e presente, desenvolveu-se certo receio por parte dos alunos que pré-julgam a disciplina, fazendo com que as aulas sejam conduzidas sem interação (LIMA, 2018).

Nesse contexto, uma problemática é atuar diante de alunos desmotivados, alguns até por motivos socioeconômicos, onde o professor necessita desenvolver uma perspectiva ativa e inovadora de práticas para transformar a sala de aula em um espaço de aprendizado significativo, fazendo com que os alunos compreendam que a História não é uma verdade concluída, completa e inquestionável, e que é necessário estudar o passado e interrogá-lo de uma forma que estabeleça nexos com nosso presente, visto que:

Compromisso com o passado é pesquisar com seriedade, basear-se nos fatos históricos, não distorcer o acontecido, como se esse fosse uma massa amorfa à disposição da fantasia de seu manipulador. Sem o res-peito ao acontecido a História vira ficção. Interpretar não pode ser con-fundido com inventar (KARNAL, 2007, p. 24)

O professor então pode colocar a pesquisa historiográfica como atividade indispensável no campo do saber, além disso, ele irá contribuir para uma formação de educandos pautada na interação e no diálogo mútuo.

Ensinar História também significa se debruçar no campo da pesquisa, é indispensável à formação de um professor pesquisador, pois realizá-las pode contribuir significativamente para melhorias do docente em sala, aproximando-o dos conhecimentos científicos no mesmo espaço de tempo que adequa seus métodos ativos de ensino as carências dos seus alunos.

O conhecimento histórico tem um imenso poder de transformação, quando desenvolvido em equilíbrio com a teoria e prática, possibilita um ensino mais inclusivo, que coloca o professor pesquisador na perspectiva de compreensão dos processos e sujeitos históricos, possibilitando aos discentes uma metodologia de aprendizagem com diversas alternativas e experiências, aproximando a pesquisa científica desenvolvida na academia de ensino superior, com o saber histórico produzido em sala.

Segundo Marli André (2017), o uso da pesquisa pelo docente possibilita aulas mais atualizadas, inovadoras e ricas em conhecimentos, capazes de desenvolver resultados autênticos no campo didático, já que:

o uso da investigação na formação inicial de docentes dizem respeito a algumas habilidades e atitude que a investigação promove, como a curiosidade, a vontade de encontrar explicações, a criatividade, o confronto com pontos de vista diferente, habilidades essas necessárias ao professor (ANDRÉ, 2017, p. 20)

Quando é utilizado o ato da pesquisa tanto na formação como na prática docente, o profissional desenvolve juntamente diversas competências, que podem ser aplicadas em sala, como a construção do conhecimento científico e, observar e detectar carências e desenvolvimento dos alunos.

Para levar novos métodos de aprendizagem para o meio escolar é necessário a pesquisa de qual melhor se adequa a perspectiva da sua sala, já que cada ambiente possui suas especificidades. O papel do professor no âmbito da educação básica, mais preciso no ensino médio, é de aproximar e integrar suas aulas a partir de pesquisas prévias, contextualizadas e investigativas.

O professor necessita abordar os conteúdos históricos em sala por meio da pesquisa, não deve colocar os alunos diante de situações problemas de forma improvisada, é necessário um estudo que possibilite uma visão crítica reflexiva acerca do que está sendo levado para dentro do espaço escolar.

A articulação entre leitura, investigação e análise, desenvolve uma prática de ensino que busca trabalhar de forma organizada os assuntos temáticos, possibilitando

a prática de métodos ativos que auxiliam na compreensão dos assuntos que foram debatidos e discutidos em sala, além disso, o docente que pesquisa amplia consideravelmente sua bagagem de explicações.

Quando o docente durante sua formação já é colocado diante da construção da prática da pesquisa, ele já desenvolve a visão da importância dessa etapa metodológica na sua carreira acadêmica e profissional, levando em conta a relevância da prática investigativa, possibilitando um ensino de História e uma prática pedagógica diversificada e próxima as experiências vivenciadas, que contam com a atuação compromissada dos professores na unidade escolar, pois:

participando de grandes pesquisas nessas áreas, o futuro docente terá oportunidade de confrontar-se com as dúvidas e as incertezas de um determinado campo de conhecimento e de ser iniciado nos métodos e na epistemologia da investigação, sendo estimulado a apropriar-se ativamente dos conhecimentos científicos (ANDRÉ, 2017, p. 20)

Desenvolvendo nesse quesito, a capacidade de percepção e escuta para detectar o que está veemente em sua prática, sendo assim, salientamos a importância das noções e conceitos dos tempos da História, que se desenvolvem por meio da pesquisa, a fim de construir um ensino aprendizagem pautado em espaços comprometidos com a veracidade e superação de falácias.

Dessa maneira, o objeto de estudo que esteja sendo trabalhado e investigado no contexto escolar, se tratando de 2º anos, é possível citar alguns, como: Independências das Colônias da América Latina, Independência do Brasil, Revoltas, Lutas Sociais, dentre outros. Que necessitam do levantamento de dados, pois não basta apenas o docente entrar na sala e despejar todo conteúdo nos educandos, isso seria apenas reproduzir o que já está escrito e inserido em livros didáticos, é necessário a presença de um professor responsável com o aprendizado construtivo, que visa a importância do método científico e que desperta a curiosidade epistemológica.

Segundo Bittencourt (2008), o docente que privilegia o fazer historiográfico, torna-se um profissional conscientizado e com responsabilidade social diante dos discentes, ajudando-os e partilhando saberes mútuos. Nessa perspectiva, os recursos tecnológicos surgem contribuindo efetivamente para o trabalho do professor, haja visto que possibilitam o acesso à internet que proporciona o contato com diversas fontes em tempo real, como: livros, artigos, vídeos, ebooks e filmes. Diversificando as

práticas de pesquisa e a interdisciplinaridade de fontes, além do que contribui para uma visão mais ampla no campo da História.

A pesquisa faz parte de toda etapa educacional do docente, desde os assuntos tratados e objetivados a abordar com os alunos, até a fase de planejamento onde o professor tem a possibilidade de integrar os métodos que são vistos na prática como forma de diversificar e atrair a atenção dos alunos para a prática das aulas.

Os processos de aprendizagem são imensamente variados, um professor que costuma realizar pesquisas teóricas no campo da história e práticas no campo do ensino, estará apto a agir diante das incertezas que fazem parte do aspecto escolar, pois tem desenvolvido a capacidade de observação e investigação diante de situações problemas.

Quando o docente instiga, ele é capaz de problematizar conteúdos, confrontá-los e buscar resolução para eles. Ensinar exige a prática no campo da pesquisa, como defendido por Freire (1996), assim como a atuação crítica do docente, já que a pesquisa auxilia na comprovação, constatação e ampliação do aprendizado, fazendo com que seja reforçado a concepção de compreensão e respeito às especificidades dos educandos.

2.2 A PRÁTICA DA PESQUISA COMO MÉTODO ATIVO NO ÂMBITO ESCOLAR: SUAS POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS

A utilização da prática de pesquisa no espaço escolar se torna uma ação interdisciplinar, possibilitando que o aprendizado e compartilhamento de informações ocorra em uma esfera de mão dupla, onde os alunos aprendem com o próprio docente, da mesma maneira que aprendem entre si, já que “ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção” (FREIRE, 1996, p. 24).

A prática da pesquisa no ensino médio, evidencia uma mudança de paradigma tradicional que acabou restringindo ao alunado apenas o que está contido em livros didáticos, com essa nova perspectiva, o discente tem autonomia e liberdade para ter contato com novas fontes, a partir de uma mediação estabelecida pelo professor, para que eles não venham cair em informações equivocadas.

Quando o professor utiliza a prática da interdisciplinaridade na sala de aula, ele possibilita meios para a “liberdade de aprender; ensinar, pesquisar e divulgar a

cultura, o pensamento, a arte e o saber” (LDBEN 9394/1996), propiciando que na educação básica o discente tenha plena formação e permanência na escola, se tornando apto e preparado para exercer a sua cidadania, atuando ativamente enquanto cidadão crítico e comprometido.

O profissional docente pode possibilitar a pesquisa através de atividades construídas individualmente ou coletivamente, proporcionando um espaço propício à produção do saber. Levando em conta que para isso ocorrer é necessário um planejamento prévio para que os alunos sejam incluídos na pesquisa a partir de temas que relacionam ações do presente ao passado estudado, pois os alunos aprendem quando se sentem envolvidos na atividade pedagógica.

os projetos devem estar profundamente relacionados/articulados aos interesses e desejos dos estudantes e comprometidos no alcance de resultados/alternativas ou na apresentação de produções, precisam avançar, dar um passo à frente de uma situação, problema ou tema, não podem somente constatar ou explicar algo que ocorre (FOCHI, 2015, p. 139)

Utilizar uma metodologia ativa que coloca os alunos na prática da sua realidade, desenvolve uma visão ampla e construtiva da História, da cultura e da sociedade na qual estão inseridos, portanto, a produção historiográfica e o ensino de História devem se relacionar em um equilíbrio eficaz em sala, quando isso acontece é possibilitado a compreensão do percurso histórico de nossa sociedade e um ensino que contribua para a formação de seres humanos desprendidos de preconceitos e estigmas impostos socialmente.

Incentivar e possibilitar meios que incluam os alunos no campo da pesquisa, não é obrigá-los a serem mini historiadores, mas é mostrá-los a necessidade de pesquisar, conhecer novas informações, relacioná-las com a realidade atual, respeitar a liberdade de expressão do outro quando ocorrida legalmente, e assim desenvolver meios de combate a cenários negativos que insistem em se perpetuar em nossa sociedade.

O clima de quem pensa certo é o de quem busca seriamente a segurança na argumentação, é o de quem, discordando do seu oponente, não tem por que contra ele ou contra ela nutrir uma raiva desmedida, bem maior, às vezes, do que a razão mesma da discordância (FREIRE, 1996, p.36)

Trabalhar com a pluralismo de informações adquiridas por meio das pesquisas, também possibilita uma evolução dialógica no aluno e uma melhor relação humana, pois com autonomia e liberdade passam a construir um conjunto de

experiências e capacidade de aceitar, compreender o novo e detectar e desconstruir estereótipos e discriminações sociais.

O professor tem a possibilidade de utilizar como método para incluir os alunos na prática da pesquisa, a realização de seminários, assim como debates e sínteses expandidas, onde os alunos terão que dar continuidade a atividade fora dos muros da escola, já que terão que desenvolver pesquisas, com liberdade para escolher a mais apta para abordar em sala, e na aula destinada pelo professor apresentar suas considerações.

Trabalhando em sala, por exemplo, com a temática da escravidão e dos movimentos de resistência a escravidão, é possível dividir a sala em grupos que se adequem a quantidade de alunos da mesma, e formar seminários, onde os alunos irão pesquisar e apresentar sobre como se deu o Brasil colônia, as formas de escravidão para homens, mulheres e crianças, além disso, vão refletir acerca da importância da resistência negra diante das injustiças e opressões sofridas, permitindo uma relação de passado e presente, em um espaço que está colocando os discentes como protagonistas do saber fazer, como defendido por Freire (1996).

Nessa perspectiva, os alunos estarão compartilhando conhecimentos entre si, tendo a capacidade de desenvolver o trabalho cooperativo no campo do ensino valorizada e ao mesmo tempo estarão construindo a visão de que o ser humano por meio da resistência é capaz de lutar diante de injustiças sociais, na mesma esfera que modifica os tempos históricos.

O ensino de História desenvolvido de forma participativa estimula a competência do estudante para práticas de pesquisa no campo da História, desenvolvendo uma leitura concisa e clara de informações, já que “a História está envolvida em um fazer orgânico: é viva e mutável” (KARNAL, 2007, p. 8), é necessário comprometimento e atitudes de intervenção positiva no meio social inserido.

Já o professor que, por exemplo, esteja trabalhando com as Revoltas ocorridas no Período Regencial, pode fazer uma alusão com os movimentos sociais da contemporaneidade, nesse caso, ele também pode dividir a sala em dois grupos, deixando uma temática para cada, propondo debates ou gincana que resultem em pontuação, haja visto que instigue os alunos a participarem, para isso, os grupos terão que fora da escola pesquisar e estudar sobre o conteúdo, para que estejam preparados na aula marcada. E diante das respostas ou comentários, o professor atua como um mediador, esclarecendo as dúvidas ainda existentes.

Assim, o uso da pesquisa na construção e desenvolvimento do ensino de História, demonstra que é possível construir uma prática interativa, que mostra a História como uma disciplina viva e chegada aos estudantes, que se afasta do molde de componente tradicional que impõe apenas decorar datas e fatos, assim como realização de atividades por simples aprovação.

Nesta perspectiva, o método pedagógico possibilita que os alunos comparem abordagens históricas em diferentes contextos, promovendo um campo amplo de estudos no ensino de História e na construção da aprendizagem educacional, já que segundo Bittencourt (2008), é fundamental que o professor deixe aflorar as diversas concepções que os discentes possuem acerca de uma determinada temática. Ensinar requer tomadas de decisões realizadas de forma consciente e a necessidade de escuta é fundamental para dar-se a oportunidade de fala aos alunos, a possibilidade de interagir e a de mostrar resultados alcançados por eles mesmos.

O fazer historiográfico é mutável, mudam-se as pesquisas, mudam-se os dados, mudam-se os alunos, mudam-se professores, é um trabalho que não para, mas se modifica, se adequa, então a responsabilidade docente de contribuir para a formação de indivíduos ativos no desenvolvimento de pesquisas, da compreensão do passado, da interligação do presente e da problematização do futuro, se faz indispensável da sala de aula.

Na prática, as mudanças são contínuas e trabalhar com o campo da pesquisa é viver educacionalmente falando, é estar ativo, buscando novos dados e dando relevância a análise reflexiva deles. Ensinar também é fruto das reflexões de experiências educacionais desenvolvidas pelo docente e pelos próprios alunos, ações que foram desenvolvidas através da pesquisa, que em sala possibilita um espaço criativo, atrativo e pluridisciplinar.

A sala de aula precisa ter conteúdo, é preciso um ambiente que incentive os alunos a realizarem leituras e a conhecerem novas linhas de informações, com o intuito de contribuir para uma sociedade que pensa com seriedade e valoriza sua identidade. Colocar alunos na prática do fazer é possibilitar que eles atuem socialmente, aproximando-se da sua realidade histórica.

Antes de pretender uma meta apenas tradicionalista de lecionar todo conteúdo do livro didático aos alunos, é necessário que o docente priorize um espaço proficiente de ensino, ofertando em turmas de 2º anos do Ensino Médio seleção de conteúdos que vão de acordo com a realidade dos educandos, a fim de possibilitar

meios de análise e superação social, desenvolvidos na perspectiva da pesquisa interdisciplinar, já que:

a História, concebida como processo, busca aprimorar o exercício da problematização da vida social, como ponto de partida para a investigação produtiva e criativa, buscando identificar as relações sociais de grupos locais, regionais, nacionais e de outros povos; perceber as diferenças e semelhanças, os conflitos/contradições e as solidariedades, igualdades e desigualdades existentes nas sociedades; comparar problemáticas atuais e de outros momentos, posicionar-se de forma crítica no seu presente e buscar as relações possíveis com o passado (KARNAL, 2007, p. 44)

Nessa concepção, a pesquisa no ambiente escolar, mais preciso nas aulas de História, possibilita a ampliação de novos horizontes aos discentes, que podem através da curiosidade sobre o novo, se envolver na construção do próprio ensino aprendizagem, assim como na compreensão da sua identidade e dimensão dos fatos históricos.

Além disso, o docente também pode valorizar a escrita como continuidade da pesquisa em sala, sugerindo por exemplo, a construção de um resumo ou síntese acerca das conclusões obtidas pelos discentes através dos seminários, dos debates, gincanas ou da própria aula ministrada pelo educador. Nesta etapa é valorizado a autonomia do educando para expressar os conhecimentos alcançados, assim como ajudá-lo em uma produção coerente e coesa.

E de acordo com as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu artigo 22, na educação básica deve ser proporcionado aos estudantes ações que influenciem e estejam presentes na vida deles em um espaço além dos muros da escola e na sua vida posterior, pois é fundamental “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (LDBEN 9394/1996).

Portanto, sabendo que o espaço escolar é um ambiente propício à construção e desenvolvimento tanto intelectual, quanto humano do aluno, se faz necessário uma prática inclusiva e ativa da pesquisa, pois os alunos devem aprender mais do que apenas conteúdos, eles devem adquirir valores e conhecimentos para estarem aptos no fazer histórico em sala e além dela.

3 AS VIVÊNCIAS DOS MÉTODOS ATIVOS DE APRENDIZAGEM NA PRÁTICA DO ENSINO DE HISTÓRIA

3.1 A CONCEPÇÃO DA METODOLOGIA ATIVA EM HISTÓRIA DESDE A ETAPA DA FORMAÇÃO DOCENTE

O docente passa a desenvolver e traçar uma visão acerca da importância de uma prática pedagógica atuante desde sua formação acadêmica. Nessa etapa é desenvolvido a reflexão a respeito da sala de aula, da interligação de saberes, do processo de aprendizagem e de como fazer dar certo esta perspectiva de ensino.

Atuar em sala de aula não acontece a partir de um receituário, que um realiza e os demais saem copiando, mas pelo contrário, é necessário autoria, planejamento e didática. Pois vivenciar e estudar história vai muito além de aulas cronometradas e sistematizadas, pois é necessário aulas dinâmicas e produtivas, capazes de gerar a criatividade e a coletividade (FONSECA, 2003).

Para uma docência que preze pelo fazer epistemológico da História e que faz a utilização de métodos ativos para atrair a atenção dos alunos e colocá-los na prática do fazer, mostrando que “o aluno deve aprender a observar, olhar para um objeto” (KARNAL, 2007, p. 53), se faz necessário desde a formação inicial, onde os saberes pedagógicos e históricos vão se relacionar, e somar-se às experiências da prática docente.

Nesse quesito é possível citar as vivências de estágio como contribuição crucial, que já possibilita uma noção real de ações que dão certo e ações que precisam ser adequadas em sala, já que se trata de uma fase prática que remete o docente em formação a um contato com discentes diversos e suas carências.

o estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 6)

Quando se tem uma formação inicial ampla, cria-se meios para uma prática de atuação inovadora, que contribui para aulas diversificadas no meio escolar, pois sabemos que História é uma ciência interdisciplinar e deve ser trabalhada em sala possibilitando aos alunos uma visão crítica reflexiva sobre acontecimentos históricos do passado e a relação deles com nosso presente.

Além disso:

as atividades que os professores realizam no coletivo escolar, supondo o desenvolvimento de certas atividades materiais, orientadas e estruturadas. Tais atividades têm por finalidade a efetivação do ensino e da aprendizagem por parte dos professores e alunos (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 12)

Com atividades executadas a partir dos métodos ativos de aprendizagem, como: jogos pedagógicos, vídeos, seminários. É possível diversificar as aulas de História, valorizar a pesquisa no seio escolar e despertar no alunado a curiosidade, a dúvida e a necessidade de questionar, tornando um ambiente de troca e partilha de informações, mediada por um docente comprometido, que é de suma importância na construção do aprendizado.

Além do mais, é importante que se veja o ensino de história também como um campo de pesquisa, pois a partir do momento que o professor experimenta em sua formação novos horizontes e novas perspectivas, ele também está problematizando e buscando respostas para um melhor caminho pedagógico, e para o aprendizado histórico na sala de aula.

Levando em consideração essa relação de Universidade e Escola, assim como as relações entre alunos e professores, faz-se necessário uma ampliação das perspectivas de ensino de história desde a fase de graduação, pois a escola não é um lugar apenas de transmissão e recebimento de conhecimentos, mas é um espaço de construção de saberes, onde os docentes e discentes desenvolvem em conjunto práticas objetivando a construção de novas maneiras de se produzir o ensino aprendizagem.

A escola enquanto instituição possui um papel importante na nossa sociedade, e ao olharmos esse percurso histórico é perceptível suas mudanças e evoluções, dessa maneira, também cabe a escola se adaptar a essas transformações, já que os professores em sala de aula estarão reunidos com diversos estudantes, ou seja, com uma diversidade enorme, na qual cada um possui suas particularidades.

Essas adaptações se desenvolvem e se constroem a partir da inclusão prática, o professor que observa e que detecta, contribui para a inclusão de atividades construtivas, utilizando uma didática que possibilita a prática da empatia, já que na execução, cabe ao professor atentar a formação identitária e social dos educandos, visto que a escola é um meio que reflete esse pluralismo, onde alunos de localidades diversas estão em constante relação.

É fundamental então que esse professor conclua sua formação com o potencial observador desenvolvido, e isso pode ser possível na prática dos Estágios, pois essa observação preparada favorece a construção de aprendizagens diversas, onde a partir de um referencial teórico, e tendo estabelecido um foco para essa observação, ele irá desenvolver meios favoráveis à atuação pedagógica, utilizando os recursos tecnológicos ao seu favor na prática da pesquisa, assim como a possibilidade de jogos para uma ludicidade na conclusão de conteúdo.

Por meio do Relatório de Estágio Supervisionado II, construído através da vivência prática desenvolvida em uma escola pública de nível médio, caracterizado pela observação de aulas de História em turmas de 2º anos, da estrutura escolar, da análise do projeto político pedagógico e das principais concepções desenvolvidas no contexto educacional, onde foi possível compreender a importância dos métodos ativos para o desenvolvimento das atividades no chão da escola, sua construção nos diversos âmbitos e como se materializa no cotidiano da unidade de ensino.

A disciplina de Estágio II é obrigatoriamente sem remuneração e desenvolvida em instituição pública de nível médio, o estudante de licenciatura em História só pode se matricular nela estando a partir do 5º período de curso, e só é possibilitado a vivência de observação na escola se o discente estiver devidamente com o seguro de estágio efetivado e com as três vias de compromisso devidamente preenchidas e assinadas, ficando uma para a Universidade, outra para a instituição das vivências práticas e outra para o aluno.

O licenciando na escola desenvolve atividades semanalmente por meio das orientações e propostas do professor executor da disciplina, desde a análise do plano escolar, até o plano de ensino e de aula da disciplina. Um dos objetivos deste estágio é desenvolver no docente em formação a visibilidade da prática do professor de história no ensino Médio, ou seja, a relação de ensino e aprendizagem nas salas de aula, diretamente no contexto escolar.

O estagiário tem que desenvolver um total de 75 horas de estágio, divididas em 15 h de atividades teóricas (Universidade) e 60 h de práticas (Escola). Na atuação na instituição de educação básica, o graduando só pode atuar no máximo 6 horas por dia. Quando existe alguma impossibilidade de realizá-lo todos os dias da semana, pode ocorrer um acordo com a escola e o supervisor para que ele venha estagiar apenas alguns dias por semana, desde que contemple toda a carga horária da disciplina.

O estágio é uma disciplina que desenvolve a atividade investigativa, através de análises e observações da unidade escolar em suas diversas dimensões: infraestrutura, organização, currículo, relações entre docentes e discentes, integração escola-comunidade, planejamentos, materiais e recursos didáticos essenciais à prática educativa, observações de aulas e métodos ativos, pedagógicos e culturais, que colaboram com a aprendizagem.

Ao término da prática de estágios na escola, o discente tem que obrigatoriamente realizar um relatório relacionando tudo o que foi estudado teoricamente com as práticas observatórias na unidade educacional e a metodologia das aulas de História, juntamente também deve anexar a ficha de frequência contendo os dias que foi escola e as atividades desenvolvidas, cada uma devidamente assinada pelo supervisor de estágio. O relatório é a atividade responsável por compor a segunda nota da avaliação, para que então o aluno possa receber aprovação na disciplina.

Por meio dele, foi viável compreender que a docência é uma área que liga o professor diretamente e diariamente ao aluno. Dessa maneira, em sua formação acadêmica, não é somente a teoria que irá ajudá-lo a atuar em sala de aula, mas também a prática, que desencadeia a uma compreensão da importância de se utilizar as “metodologias ativas para uma educação inovadora”, onde “aponta a possibilidade de transformar aulas em experiências de aprendizagem mais vivas e significativas para os estudantes” (BACICH; MORAN, 2018, p. 16).

É a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado que possibilita a articulação entre o saber e o saber fazer, pois a formação observada em sala de aula deixa o futuro professor apto ao compartilhamento de conteúdo, assim como agir diante das incertezas, do relativo e da mobilidade que caracterizam o meio escolar. E profissionais assim são formados através da prática, da observação e do fazer.

3.2 A IMPORTÂNCIA DOS MÉTODOS ATIVOS NA SALA DE AULA

Perante desafios diversos que cercam e fazem parte do sistema educacional, se faz necessário uma prática pedagógica que instigue alunos no campo do saber, para isso se faz preciso estratégias ativas na atuação docente, fazendo com que o envolvimento dos discentes no processo de ensino aprendizagem seja cada vez mais construtivo e dinâmico.

A escola desempenha um papel de modificação, sendo ela capaz de formar cidadãos autônomos, reflexivos e críticos, que saibam se posicionar como seres sociais, que possuem direitos e deveres em meio a sociedade. Dessa maneira, a unidade educacional tem como uma de suas funções, combater e desconstruir as desigualdades presentes em nosso sistema social, e para isso, são necessários professores que possibilitem um ensino plural, inovador e comprometido com o desenvolvimento da pessoa humana.

Essa prática pedagógica ativa deve dar enfoque a escola enquanto ambiente pluridisciplinar e dialógico, que envolve realizações e intencionalidades propositais a construção de conhecimentos, pois como defendido por Selva Guimarães (2003), a sala de aula é um:

espaço social de transmissão e produção de saberes e valores culturais. É o lugar onde se educa para a vida, onde se formam as novas gerações para o exercício pleno da cidadania. Por isso, fundamentalmente, é um lugar de produção e socialização de saberes. (FONSECA, 2003, p. 101)

Nessa perspectiva, é de suma importância o planejamento das atividades escolares, pois o profissional não pode chegar em sala de aula sem saber o que fazer com os alunos, esse profissional deve se preparar antes, decidir o que irá fazer e aprofundar seus conhecimentos acerca do assunto que irá ser trabalhado.

Também deve refletir sobre quais métodos ativos de aprendizagem melhor se adequam às especificidades da sua turma, destacando a análise individual que deve ser realizada de cada, e de forma separada, pois sabemos que é praticamente impossível o professor conseguir dar a mesma aula de forma cronometrada em salas diferentes.

Mesmo que sejam turmas do mesmo ano e com os mesmos assuntos, mas cada uma possui suas peculiaridades e carências, uma atividade que foi realizada e deu certo em uma turma, não significa que dará certo em todas, por isso a necessidade da análise detalhada na hora da elaboração do planejamento.

A finalidade do plano de ensino é organizar passo a passo tudo o que será trabalhado na disciplina de História ao longo do ano, quais os conteúdos que serão abordados, como serão executados, os objetivos que esperam alcançar em sala e quais os métodos que serão utilizados visando um ensino que realmente possa dar certo.

O ensino médio sendo composto por alunos que interagem entre si, questionam, relatam suas dúvidas, relembram aulas anteriores e interligam conteúdos, faz-se preciso possibilitar aproximações e alternativas para que o ensino de história seja prazeroso no mesmo contexto que disponha a reflexão histórica e a construção do saber.

o aluno é um ser social completo, não é uma tábula rasa. Ele não apenas estuda e aprende, mas faz história, participa da história, têm concepções prévias dos fatos históricos. Tem vida própria fora da escola, participa de outras organizações além da escolar com as quais convive e aprende, ou seja, possui conhecimentos prévios, e esse saber já construído deve ser o início do caminho a percorrer. (FONSECA, 2003, p. 111)

A capacidade dos alunos de pesquisar, debater e resolver situações problemas devem ser valorizada no contexto escolar. Os discentes possuem um destaque central no processo de aprendizado, e é fundamental ser despertado estratégias, como atividades pedagógicas dinâmicas, assim como valores e conhecimentos relacionados ao campo historiográfico.

O docente quando adentra a sala com aulas planejadas, ele transmite aos alunos compromisso, responsabilidade e segurança no que está sendo trabalhado. Ao compartilhar uma apresentação em slides, imagens que atraem a atenção e trechos de vídeos ou filmes que remetem a um espaço de tempo e acontecimento histórico, ele valoriza a prática da pesquisa em sala, pois mostra aos alunos que não foi disponibilizada uma aula improvisada, mas uma aula produzida, com autenticidade e legitimidade.

No segundo bimestre da disciplina de História em 2º anos do Ensino Médio indo de acordo com o Currículo de Pernambuco⁵, formado baseado pela Base Nacional Comum Curricular⁶, que define as aprendizagens essenciais que os educandos devem desenvolver ao longo da educação básica.

⁵ Currículo de Pernambuco é o documento de referência para elaboração dos currículos municipais, propostas pedagógicas e projeto político pedagógico de todas as escolas das redes de ensino de Pernambuco. Disponível em: http://www.educacao.pe.gov.br/porta1/upload/galeria/7801/Conteudos_de_Historia_EM.pdf. Acesso em: 22 de jun. 2021.

⁶ A Base nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que reúne os conteúdos mínimos a serem trabalhados ao longo das etapas da educação básica. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 23 de jun. 2021.

Ao trabalhar com as culturas americanas pré-colombianas, os professores podem trabalhar, por exemplo, com a utilização de vídeo aulas disponibilizadas até mesmo no You tube, onde há uma diversidade de materiais acerca dos povos Maias, Astecas e Incas, possibilitando que os discentes compreendam de forma visual que esses povos já possuíam características culturais amplas e distintas, desconstruindo a visão eurocêntrica de que a América só se desenvolveu através dos europeus.

E quando o docente também coloca os alunos na produção do seu próprio material de apoio, pode sugerir por exemplo, que os discentes construam seus próprios vídeos, dividindo a sala em três grupos, onde cada uma ficará com um povo pré-colombiano diferente. Então, delimitaria um tempo máximo de até 10 ou 15 minutos, onde eles possam usar imagens e os recursos tecnológicos para realizar as gravações, com as plataformas virtuais, Google Meet ou Zoom. Dessa maneira, eles conseguiriam realizar as pesquisas e gravações pelo uso de computadores e dos próprios celulares.

Atuar com métodos ativos em sala é justamente isso, é interligar estratégias didáticas, assim como seus usos na construção e desenvolvimento do ensino de História, demonstrando que é possível construir uma prática inovadora e interativa, que mostra a História como uma disciplina viva, próxima dos estudantes, fugindo do modelo de componente tradicional que requer apenas decorar datas e fatos, mas promovendo um campo amplo de estudos na prática docente.

A prática docente quando transparece participativa, estimula os alunos a oportunidade de interação, de apresentar pesquisas e construir atividades pedagógicas. Dessa maneira, os conteúdos trabalhados considerando a teoria e a prática, tornando o ensino de História mais estimulante e produtivo. Por meio de uma metodologia atuante se estimula a visão questionadora na sala de aula, oferecendo iniciativa à prática e construção de um aprendizado crítico (LIMA, 2018).

Trabalhando também com a temática da Expansão Marítima Europeia, que um é conteúdo para segundos anos, o professor pode trabalhar com o jogo de construção de frases, dividiria a sala em duplas e daria para cada, uma frase embaralhada acerca das características da época e dos objetivos das expansões, como: a conquista de novos territórios e a busca por riquezas, assim como o domínio espanhol, português, inglês e holandês, possibilitando que os alunos ao organizarem as frases vão ao mesmo tempo revisando o assunto, e também ao monta-las possam trocar entre si, para uma maior interligação.

Essa interdisciplinaridade desenvolve o intuito de mobilizar a consciência histórica, pois o passado deve ser revisitado e reanalisado, seguindo um caminho de ligação com a prática de ensino utilizada no presente, cabe então o desenvolvimento de adolescentes, já que o relatório aborda uma prática observada em uma escola de ensino médio, para que o alunado aprenda a pensar historicamente, desenvolvendo criticidade, com o mesmo comprometimento que segue o nexos dos docentes e historiadores nas suas práticas de pesquisa.

3.3 A PRÁTICA DOS MÉTODOS ATIVOS EM TURMAS DE HISTÓRIA DE 2º ANOS DO ENSINO MÉDIO

Os métodos ativos existentes para serem utilizados em aulas de História são diversos e em âmbito de ensino médio composto por adolescentes, possibilitam uma ampliação e contribuição do ensino aprendizagem. Como nosso público de alunos está cada vez mais incluído no mundo digital, pode-se utiliza-lo para dar continuidade a aulas ricas em experiências sociais, culturais e históricas (BACICH; MORAN, 2018).

Na prática docente coma variação de métodos no compartilhamento de informações, assim como seus usos no desenvolvimento do ensino de História, pode ser possível construir uma prática inovadora, que exhibe a História como uma disciplina ativa, aplicada aos estudantes, aproximando-se então de um campo prático e atrativo, no mesmo modo que supera as práticas tradicionais.

As tecnologias fazem parte diretamente na produção e ampliação desse tipo de ensino aprendizagem, pois através dela é possível desenvolver aulas interativas, que “promovam atividades abertas levando os alunos a um maior esforço de análise, reflexão individual ou em grupo para construir o seu conhecimento” (CAETANO, 2015, p. 5).

Por meio da análise do Relatório de estágio II, desenvolvido pela vivência observatória de aulas de História no segundo bimestre, do ano de 2019, nos segundos anos do ensino médio. Em um período de aproximadamente 2 meses, foi possível ter a perspectiva de que o ensino construtivo é capaz de transformar aulas tradicionais em espaços interativos e de troca de experiência.

Nessa perspectiva, com os dados referente ao Relatório, é possível destacar métodos de aprendizagens usados na prática docente em quatro turmas de 2º anos em uma escola pública. Nesse quesito é compreensível a proficiência de aulas,

quando são oferecidas por professores comprometidos com as metodologias de ensino, habilidades e uma didática construtiva.

Nas observações práticas do Estágio, foi perceptível o desenvolvimento diferente das aulas de História em cada sala específica, pois em algumas salas foi perceptível em alguns discentes a problemática do déficit de atenção e em outros a da relação interpessoal.

Visando uma adaptação que trabalhasse de melhor maneira os conteúdos, analisamos uma regência pedagógica que se desenvolveu por meio de um planejamento das atividades, já que é um componente indispensável na prática educacional. Para isso, foi traçado metas e estratégias que possibilitaram a participação ativa do aluno, como a oportunidade de fala, debate, questionamentos e exposição de conhecimentos já pré-existentes.

Na primeira prática pedagógica analisada, a temática histórica trabalhada foi o Período Regencial, a docente foi colocando tópicos do conteúdo no quadro, e os desenvolveu por meio de um roteiro que abrangia o conteúdo do livro didático, mas sem se limitar exclusivamente a leituras.

A aula seguiu com uma leveza, onde a docente propositalmente ao longo da explicação ia realizando perguntas, na qual estimulava a participação dos alunos ao exporem suas respostas prévias, em um espaço que tinham a liberdade de perguntar e falar das concepções que já tinham a respeito do assunto. Nesse contexto, foi perceptível as aulas pautadas em um aprendizado dialógico, com interligação de alunos e docente, onde o aprendizado estava acontecendo de forma mútua.

E como ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas possibilitar a construção dele, depois de duas aulas de mediação do conteúdo pelo docente, foi proposto o método de trabalho em grupo, ou seja, a realização de seminários. A classe foi dividida em 5 grupos e através de um sorteio foi destinado a cada, a responsabilidade de apresentar na semana seguinte sobre uma revolta: Revolta dos Farrapos, Revolta dos Malês, Cabanagem, Sabinada e Balaiada.

Com esse método ativo de aprendizagem, a docente colocou os alunos como protagonistas, apresentando seminários e colocando-os frente à turma, para eles perceberem o valor de quem está dando um conteúdo, os fazendo refletir sobre a atenção que eles merecem enquanto estão apresentando seus trabalhos. Além disso, é reforçado a capacidade crítica do aluno, a autonomia para desenvolver suas

pesquisas e o aprendizado dialógico, já que pesquisar e aprender são uma relação de mão dupla (FREIRE, 1996).

Nas turmas de 2º “A”, “B”, “C” e “D” foi seguido o mesmo cronograma, porém o nível de comprometimento variou em cada. Nas apresentações, enquanto alguns grupos mostravam compromisso com suas pesquisas, se preocupando em levar slides com tópicos, imagens e pequenos vídeos que contribuem com o aprendizado visual, transparecendo um preparo, apresentando com seriedade e não focando apenas em ler, mas em explicar o que entenderam. Outros demonstravam um compromisso menor com as pesquisas e apresentações.

Nesse ponto, vale salientar que além de diversificar a sala de aula com métodos ativos, é necessário desenvolver meios que estimule os alunos a participarem das atividades, isso pode ser possível encorajando-os a se sentir ativos dentro da sala de aula. E dessa forma, ao final de cada apresentação, a professora realizava comentários conclusivos sobre a temática e realizava algumas perguntas para os demais grupos, proporcionando um ensino dialógico, onde os alunos aprendem entre si, de forma mediada pelo docente (FOCHI, 2015).

Haja visto que, ensinar História na atualidade desencadeia diversas possibilidades, pois com tantas notícias falsas e com os alunos acessando diariamente aparelhos celulares, é necessário a execução de aulas diversificadas, com a utilização de propostas ativas, para que seja atraído a atenção e a vontade de interagir dos nossos educandos.

Os recursos tecnológicos fizeram-se presentes em todo o processo de aula, desde as pesquisas realizadas previamente pelos discentes, até a exposição da aula em slides, que contou com imagens que atraem a atenção dos alunos e trechos de vídeos que instigam o real e a localidade, já que “o uso do vídeo na educação vem dinamizar este processo, deixando as aulas mais estimulantes e significativas, possibilitando ao alunato uma maior atração” (SANTOS, 2016, p. 3).

E depois de três aulas destinadas às apresentações, foi desenvolvido para uma conclusão do conteúdo em sala, no âmbito de um ensino presencial, a proposta de um jogo analógico de memória, que para a sua execução os alunos além do conhecimento teórico, também deveriam trabalhar com o uso do raciocínio lógico, dessa maneira, foi possibilitado uma atividade que colocou os discentes na esfera e campo do fazer, pois “é preciso compreender como se dá a construção do pensamento pelo aluno e como as situações que envolvem jogo podem colaborar a

este respeito: enquanto aspecto cognitivo e significado para o ensino de História” (FERMIANO, 2005, p. 4).

Em uma aula, segundo orientações da docente, cada grupo desenvolveu o seu jogo de forma manual acerca da revolta que havia apresentado, construindo 20 cartas em folha de ofício, sendo 10 contendo perguntas e 10 contendo as devidas respostas de um lado, e do outro todas deveriam ter o nome da revolta, já que iriam ficar emborcadas. O jogo consistia em quando o participante associava corretamente a carta da pergunta com a da resposta, poderia recolhê-las para si, ganhando quem tivesse o número maior de cartas acumuladas.

Para o desenvolvimento e progresso do jogo, os alunos precisaram dos conhecimentos acerca da temática apresentada por cada equipe. Pois a aula seguinte foi destinada para a prática da atividade educativa, onde os grupos trocaram entre si os jogos de memória, fazendo com que, de forma conclusiva fossem revisando os assuntos de todas as equipes na medida que iam comparando as perguntas com as respostas.

Como a utilização do jogo foi perceptível um engajamento completo das turmas, o desejo pela vitória fazia-os se empenharem mais precisamente no jogo, em um mesmo espaço que iam revisando a temática histórica, já que em cada nova rodada, era mudado os jogos entre si.

Trabalhar com a criação de materiais lúdicos, contribui significativamente para a prática pedagógica, pois os alunos passam a ter um contato direto com a criação de atividades diversificadas, o que os levará a uma interdisciplinaridade ativa entre si, produzindo conhecimento de forma mais eficaz, e tornando o ensino de História mais atrativo (LIMA, 2018).

Com a utilização de métodos ativos em sala, colocando os alunos como protagonistas e despertando a capacidade autônoma deles, o aprendizado se torna mais completo, a compreensão dos aspectos históricos realmente é valorizado e a rigurosidade de notas tradicionalistas saia de destaque, fazendo com que a interligação e a construção dialógica, que forma seres críticos, criativos e participativos no campo historiográfico, ganhe visibilidade.

Os exemplos relatados de métodos ativos neste tópico, analisados por meio do relatório, “é um modo de ver, ler e fazer ensino de história” (FONSECA, 2003, p. 11), mas é frisado que na vivência existem outras diversas atividades e que podem ser usadas e adequadas da melhor maneira possível, para atender as necessidade e

compreensão dos alunos. São experiências vivas que quando usadas e desenvolvidas, apresentam e impulsionam um ensino libertador.

Para ensinar com foco na transformação, é preciso despertar a curiosidade, a dúvida e a crítica, ações que instigam o exercício da democracia humana, e possibilitam o afastamento da mesmice. A História sendo uma ciência que possibilita o pensar, demanda um campo historiográfico rico, que deve ser pautado na pesquisa, na cooperação e na dinamicidade.

A construção de novas atividades pedagógicas, ampliando os métodos de aprendizagem no ensino médio, mais preciso em 2º anos, como analisados na pesquisa, possibilita uma educação que reconstitui, analisa e compreende os aspectos históricos. “Ensinar história requer um diálogo permanente com diferentes saberes” (FONSECA, 2003, p. 118), e como “são muitos os métodos associados às metodologias ativas” (BACICH; MORAN, 2018, p. 18), é fundamental uma sala de aula organizada e que constrói e compartilha conhecimentos.

3. 4 PLANO DE ENSINO

Como todo processo de ensino aprendizagem deve ser desenvolvido através de um planejamento e estudo de estratégias positivas, faz-se necessário o desenvolvimento de um Plano de Ensino que trace metas e inovação para a prática docente dentro da sala de aula. Já que o Plano de Ensino “deve conter as informações gerais de como irá transcorrer cada bimestre” (FOCHI, 2015, p. 87).

Sendo assim, um aliado de suma importância para a prática docente, pois no momento de sua elaboração é analisado quais estratégias serão mais eficientes para o processo de ensino aprendizagem, levando em conta os conteúdos, as faixas etárias e as particularidades de cada turma. No ensino de História, o planejamento contribui com a realização de métodos que incluam os alunos em um aprendizado mútuo.

Dessa forma, a partir de nossas observações em sala de aula, assim como da revisão bibliográfica sobre a temática, criamos um plano de ensino para o 1º bimestre de turmas de 2º anos, no qual é utilizado como atividades de avaliação, o jogo pedagógico e o vídeo, como métodos ativos de aprendizagem. A fim de que por meio de uma prática construtiva, consiga-se desenvolver e atingir as competências esperada para esse alunado.

3. 4. 1 Identificação

Curso: 2º Ano – Ensino Médio
Escola:
Disciplina: História
Professor:
Período da disciplina: 1º Bimestre
Carga Horária Total (horas/aula): 16 aulas / 50 minutos cada

3. 4. 2 Ementa

Proporcionar a compreensão crítica do ambiente social, histórico e natural, e da complexidade trajetória dos europeus de forma marítima; a ascensão ao absolutismo; nova forma de centralização do poder, o mercantilismo; Assim como os principais movimentos reformistas.

3. 4. 3 Competências (Currículo de Pernambuco)

EM1 - Perceber-se como sujeito social construtor da história e do conhecimento, responsável por participar da construção da sociedade;
EM2 - Compreender as histórias individuais como partes integrantes de histórias coletivas;
EM3 - Reconhecer as ações cotidianas dos múltiplos sujeitos históricos como constituintes da história de determinada sociedade;
EM4 - Compreender, numa perspectiva crítica e histórica, os diferentes significados de identidade, diversidade, sociedade e cultura;
EM5 - Formar opinião sobre um acontecimento histórico ou representação histórica apresentados nas fontes históricas;
EM6 - Analisar a relação entre Estado e religião, em diferentes contextos históricos do Brasil e do mundo;
EM7 - Caracterizar a diversidade religiosa nas sociedades de diferentes tempos e espaços históricos;

3. 4. 4 Objetivo Geral

Analisar o sistema social, político e econômico da Europa no século XIV, e quais ações desencadearam a reforma religiosa e a contrarreforma nessa fase histórica.

3. 4. 5 Objetivos Específicos

- Compreender a ascendência política da burguesia e sua presença no período absolutista;
- Identificar o mercantilismo como processo de centralização política, assim como a participação de novos grupos sociais nas decisões das cidades;
- Refletir sobre as ações da igreja em diferentes contextos;

3. 4. 6 Conteúdo Programático

- Absolutismo
- Mercantilismo
- Renascimento
- Reforma Religiosa

3. 4. 7 Métodos Didáticos De Ensino

- (x) Aula Expositiva
- (x) Leitura Dirigida
- (x) Execução de Pesquisa
- (x) Produção de materiais didáticos
- (x) Outra: todas as atividades pedagógicas e as apresentações dos resultados das tarefas solicitadas se realizarão em sala

3. 4. 8 Critérios De Avaliação

1 Avaliação: Produção em grupo de 4 pessoas, de uma vídeo aula de no máximo 15 minutos (10 pontos) - Contexto sociopolítico e econômico europeu no século XIV

2 Avaliação: Produção em grupo de 6 pessoas, de um jogo de tabuleiro, o jogo deve conter a quantidade de casas que o grupo decidir e ao longo do percurso deve ter perguntas sobre a temática como desafios para que os participantes possam responder (10 pontos) - Reforma religiosa e Contrarreforma

CONCLUSÕES

Esta monografia teve como objetivo principal: investigar os métodos ativos de aprendizagem em História, com finalidade de colaborar para um espaço escolar que se aproxime de aulas construtivas e interdisciplinares, fazendo com que o ensino aprendizagem construído seja reflexivo e atrativo.

Para que a sala de aula possa ser um ambiente propício ao aprendizado amplo, compreendemos que é necessário a presença de um docente comprometido, e isso começa desde a formação acadêmica, onde por meio das práticas de estágios ele é inserido de forma supervisionada e orientada na escola. Ao conseguir ter noção das especificidades do público a qual estará trabalhando, nessa etapa o professor em formação pode ampliar sua visão acerca dos diversos métodos existentes, capazes de possibilitar aulas mais diversificadas a seu alunado, pois é inovando que se desenvolve meios a fim de superar a mesmice.

O contato com a observação prática descrita no Relatório Final de Estágio Supervisionado II e com a análise do referencial teórico, proporcionou uma compreensão de como é fundamental trabalhar com a utilização de métodos ativos, através da perspectiva dialógica, pois assim o conhecimento é construído a partir da interação entre a cultura e a condição de aprendiz do estudante.

De acordo com os exemplos práticos demonstrados nos capítulos desta monografia, as metodologias ativas no ensino de História possuem um destaque primordial, haja visto que através da elaboração e execução de métodos construtivos, os educandos passam a ter contato com atividades diversificadas e sentem-se estimulados para realizá-las, o que contribui para uma variação de aulas e desenvolvimento de aprendizado.

Dessa maneira, as multiplicidades de métodos ativos na prática do ensino são úteis quando aplicados adequadamente, assim possibilita meios para o avanço educacional. Como tratamos nesta pesquisa acerca da aprendizagem em História, colaboramos, portanto, com a formação de alunos que atuam, fazem, questionam, pesquisam, analisam e trabalham em coletivo, aprendendo a respeitar o saber, o direito de fala e a capacidade do outro.

Essa interligação mobiliza a consciência histórica na sala de aula, pois o passado deve ser revisitado e reanalisado, seguindo um caminho de ligação com a prática de ensino utilizada no presente, o que colabora com o desenvolvimento de

adolescentes capacitados a agir no campo do saber fazer, ampliando a criticidade e o compromisso das suas práticas de pesquisa.

O ensino de história desenvolvido de forma participativa, estimula a autonomia do estudante e contribui para a mudança no paradigma de que a história é uma disciplina pautada em memorização de datas e distante da realidade. Mostrando as possibilidades de compreensão do mundo a partir do conhecimento e reflexão histórica, nesse sentido, enfatizamos a importância do estágio, tanto na coleta de dados, quanto na formação dos profissionais, já que é o momento de aproximação entre a universidade e a escola.

Como a disciplina de História é repleta de conteúdo, é fundamental um ensino relacionado com a diversificação e com a humanidade ao dialogar e interagir com os alunos. Dessa maneira, foi evidente através dos exemplos demonstrados nos capítulos que, o envolvimento construtivo dos discentes durante as aulas de História, de maneira participativa e envolvida, já que eles foram inseridos em um ambiente que possibilitou uma atuação protagonista no aprendizado da disciplina.

O exercício da docência possibilita um aprendizado de mão dupla com os alunos, já que, no mesmo espaço que se ensina, se aprende e se compartilha conhecimentos. Através de uma prática criativa e colaborativa, tem se contribuído não só na ampliação do campo de estudo e ensino da disciplina de História, mas também tem se instaurado um novo conceito de ensino aprendizagem, um conceito de aprendizagem participativo e ágil diante das incertezas que cercam o espaço escolar.

A História e seu ensino, quando acontecem ativamente, captando a atenção dos alunos e dando a liberdade necessária para a prática e construção mútua do aprendizado, contribui para a formação cidadã dos educandos, que passam a estudar de forma mais prazerosa, despertando a busca por novas informações e compreensão das narrativas sociais, já que estão se enxergando enquanto participantes ativos da história. Todavia, salientamos que no macro campo das metodologias ativas existem diversos métodos que são aplicados a elas, e que merecem novos direcionamentos e pesquisas futuras, seja em relação a algum método em específico ou em relação às formas de aplicabilidade.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática de professores**. 8 ed. Papyrus Editora, 2017.

BACICH, Lilian; MORAN, José (Orgs). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso Editora, 2018.

BICHARA, Taissa Cordeiro. O Irreconciliável Nos Editais Do PNLD: Eurocentrismo, Cidadania e Ensino de História. In: **Revista Escritas do Tempo**. v. 2, n. 6, pp. 193 - 220. 2020.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez Editora, 2 ed. 2008.

BRASIL, Presidente da República. Decreto lei n. 9.394. **Estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) como política de Estado**. Brasília, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 7 de jun. 2021.

_____. **Ministério da Educação: Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, 2008. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 23 de jun. 2021.

_____. **Ministério da Educação: Guia de Livros didáticos. PNLD 2018: História Ensino Médio**. Brasília, 2017. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/pnld-2018/>. Acesso em: 8 de jun. 2021.

_____. **Ministério da Educação: Lei de Estágio (Lei 11.788/2008)**. Brasília, 2008. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11788.htm. Acesso em: 15 de jun. 2021.

CAETANO, Luís Miguel Dias; **Tecnologia e Educação: quais os desafios?** Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. v. 40, n. 2, pp. 295-310, Santa Maria, 2015.

FERMIANO, Maria A. Belintane. O Jogo como um instrumento de trabalho no ensino de História? In: **Revista História Hoje**, v. 3. n.7, jul. 2005.

FOCHI, Graciela Márcia; **Metodologia do Ensino da História**. Indaial: UNIASSELVI, 2015.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizagens**. São Paulo: Papyrus, 2003.

FREIRE, Paulo; **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Editora Contexto, 5 ed., 2007.

LIMA, Yvone Costa Carvalho de Araújo; **Ludicidade Dialógica No Ensino De História**. Universidade Federal Rural de Pernambuco. 2018.

MARTINS, Ivanda; SOARES, Maria Lúcia; NASCIMENTO, Roseane. **Estrutura e Funcionamento da Educação**. Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). v. 2, Recife, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. In: **Revista Poíesis**. Rio de Janeiro: v. 3, n. 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

PINA, Max Lanio Martins. SILVA, Maria da Conceição. A Didática Reconstitutivista da História: uma proposta teórica e metodológica para o Ensino de História. In: **Revista História Hoje**, v. 9, nº 17, p. 228 – 233, 2020.

PERNAMBUCO, Secretaria de Educação. **Conteúdos de História por Bimestre para o Ensino Médio**. Recife, 2015. Disponível em: http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/7801/Conteudos_de_Historia_EM.pdf. Acesso em: 22 de jun. 2021.

SANTOS, Aldeci dos. Contribuições para o processo de ensino/aprendizagem a distância: a utilização do vídeo como recurso didático. In: **Revista Expressão Científica**. Sergipe: v. 1, n. 1, 2016.

SANTOS, Marizete; SILVA, Ivanda Martins; SIQUEIRA, Alcina. **Estágio Curricular Supervisionado II**. v. 1. Recife, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; **Didática Reconstitutivista da História**. Curitiba: Editora CRV, 2020.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
Licenciatura em História



RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO II:
PLANEJAMENTO NO ENSINO MÉDIO

ALVANIR IVANEIDE ALVES DA SILVA

Limoeiro, 2019



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
Licenciatura em História



**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO II:
PLANEJAMENTO NO ENSINO MÉDIO**

ALVANIR IVANEIDE ALVES DA SILVA

Relatório apresentado à disciplina ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO II, sob a orientação do professor Adriano de Araújo Santos, como requisito para avaliação da 2a VA.

Escola campo de estágio: EREM - Professora Marilene Chaves de Santana

Endereço: Avenida Manoel Almeida, S/N.

E-mail e telefone: escolapontesdemiranda@yahoo.com.br / (81) 3645-2904/ (81) 3645-2905

Gestor: Maria Solange de Barros Carvalho

Supervisor do estágio: Maria Jesselma Barboza Rocha

Data do período do estágio: 01/10/2019 a 22/11/2019

Tutor virtual: João Vinicius Gondim Feitosa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	04
1. PLANEJAMENTO NA ESCOLA: PLANO DE AULA, PLANO DE ENSINO, PLANO ESCOLAR	06
1.1 PLANO ESCOLAR	
1.2 PLANO DE ENSINO	
1.3 PLANO DE AULA	
2. ENTREVISTAS COM: O GESTOR, A PROFESSORA, UM ALUNO E UMA REPRESENTANTE DA COMUNIDADE.....	12
2.1 ENTREVISTA COM GESTOR	
2.2 ENTREVISTA COM PROFESSORA	
2.3 ENTREVISTA COM REPRESENTANTE DA COMUNIDADE	
2.4 ENTREVISTA COM ALUNO	
3. OBSERVAÇÃO DAS AULAS	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23
APENDICE	24
• IMAGENS	

INTRODUÇÃO

O seguinte relatório abordará as vivências de Estágio Supervisionado II, na Escola de Referência Em Ensino Médio Professora Marilene Chaves de Santana. Onde será abordado acerca dos Plano Escolar, de Ensino e de Aula. O Estágio foi realizado no período de 01 de outubro a 22 de novembro, sob o supervisionamento da professora de História, que atua na escola atual como professora efetiva, a 6 anos, lecionando nas turmas de 1º, 2º e 3º anos, tanto a disciplina de História, quanto as disciplinas de Sociologia e de História da Arte.

A instituição conta com atuação de 61 funcionários, dentre eles são 38 professores, 21 efetivos e 17 contratados. A escola possui uma equipe gestora, coordenadora, administrativa e pedagógica, nas funções de gestão, docência, auxiliares de secretaria, auxiliares de serviços gerais e outras. A escola oferece duas modalidades de ensino: Ensino Médio Integral (EMI) e Educação de Jovens e Adultos Travessia. No quadro discente a escola possui 512 estudantes distribuídos em turmas 1º, 2º e 3º anos do ensino médio integral e EJA Médio e travessia.

A escolha da instituição se deu pelo fato de ter sido a escola onde cursei todo meu ensino médio, onde recebi um grande auxílio na construção da minha vida educacional, por isso optei por ela, para adquirir a experiência de estar novamente dentro dela, mas com uma nova visão, a visão de uma docente em formação. Pois enquanto estagiária, pude observar cada detalhe, seja de aulas, dos planos e de que a instituição só funciona e só progride, quando se tem um bom planejamento executado.

O Estágio teve como objetivo desenvolver a visão de que na unidade escolar dificuldades acontecem, mas com um planejamento participativo, onde toda comunidade escolar, tanto a interna, como a externa, estará interligada, tornando a escola um ambiente eficaz e propício para o processo de formação dos discentes. E também observar que toda área dentro da unidade, só funciona se tiver um planejamento base com antecedência, pois toda etapa de planejamento envolverá previsão de ações a serem vivenciadas.

Por isso, neste relatório será descrito sob uma análise crítica e reflexiva, sob como o planejamento escolar é visto pela equipe gestora, se a instituição dar o destaque merecido ao processo de planejamento, se a escola desenvolve planejamentos participativos, se a professora de História desenvolve planejamentos

de ensino e de aulas e sobre quais as maiores dificuldades enfrentadas pela equipe escolar no processo de planejamento escolar.

De início será desenvolvido um análise acerca dos planejamentos da escola, ou seja, será abordado como a escola realiza seu Projeto Político Pedagógico (PPP), qual a importância que a escola dá ao PPP e quem participa de sua elaboração, também será descrito acerca dos planos de ensino e planos de aula da professora, tendo destaque como ela os elabora e o destaque que ela dá aos mesmo, se ela realiza um plano dando destaque a realidade dos alunos, as suas carências e se ela trabalha com um planejamento que inclui atividades pedagógicas variadas e inovadoras.

Em uma segunda etapa, será analisado acerca das entrevistas realizadas com o vice gestor, com a professora, com um aluno e com uma responsável, nessas análises será observado a relação de cada um deles com o processo de planejar e sobre a importância que os mesmos dão ao planejamento, enquanto base fundamental da educação. E em uma terceira etapa, será descrito detalhadamente todas as etapas das observações das aulas, a participação dos alunos, também seu comprometimento com os estudos e também o comprometimento da professora com o ensino aprendizagem, ao elaborar seus planos.

1. PLANEJAMENTO NA ESCOLA: PLANO ESCOLAR, PLANO DE ENSINO PLANO DE AULA

O ato de planejar envolve algumas etapas, segundo (GANDIN, 2007), são: “elaboração, execução e avaliação de ações propostas com base em objetivos previamente definidos”. O Planejamento então será a organização, a elaboração e a tomada de decisões a respeito das atividades a serem realizadas na escola e nas aulas. O planejamento faz parte da base escolar, é de suma relevância para as atividades didático-pedagógicas dos docentes e estruturação da unidade de ensino.

Planejar não é uma tarefa fácil, mas necessária e extremamente importante em uma unidade escolar e podem ter variados tipos, dentre eles: O planejamento escolar, o planejamento de ensino e o planejamento de aulas. O Plano escolar é um documento mais amplo, ele irá expressar as orientações e diretrizes gerais da escola e pode ser representado pelo Projeto Político-Pedagógico (PPP).

O plano de ensino, é um planejamento direcionado para o plano da disciplina, ele irá conter as atividades didático-pedagógicas que serão vivenciadas durante o semestre ou ano letivo. E o plano de aula, está diretamente ligado ao plano de ensino, pois ele apresenta uma previsão organizada dos conteúdos propostos para uma aula ou sequência de aulas que serão realizadas.

1.1 PLANO ESCOLAR

O PPP da escola a qual estou estagiando é atualizado todo ano e elaborado pela gestão, coordenação, secretaria e professores. Também os pontos que são decididos passam pelas sugestões dos discentes que compõem o Grêmio Estudantil, que representam as opiniões de toda a comunidade discente, assim como a comunicação aos pais ou responsáveis através das reuniões, deixando-os a par das propostas para a escola, assim como dando liberdade aos mesmos de darem sugestões, de dizerem se estão de acordo como as propostas pedagógicas desenvolvidas pela escola.

Dessa maneira a escola que vivenciei meu estágio, segue pontos defendidos por Veiga (2008), onde é dito: “É importante que o projeto político-pedagógico também seja elaborado com base em princípios baseados na autonomia da escola, na

solidariedade entre os agentes educativos e no estímulo à participação de todos no projeto comum e coletivo”.

Sabemos que a finalidade do PPP é desenvolver ações que possam atender aos desafios e exigências desse mundo contemporâneo. Para isto, o PPP sendo construído em um processo participativo de discussão dos temas importantes a serem tratados no interior da unidade escolar, pode trazer subsídios e orientações para um trabalho pedagógico efetivo dentro dos moldes exigidos pela sociedade atual. Se tornando uma forma de capacitar os discentes para o exercício da cidadania, formação profissional e pleno desenvolvimento pessoal.

O PPP da EREM-Marilene Chaves é elaborado tendo como base os documentos norteadores da organização escolar como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96), as Diretrizes Curriculares Nacionais e Estaduais, o Plano Nacional de Educação (Lei Nº 8.035-B de 2010), o Plano Estadual de Educação (Lei Nº 12.252 de 08 de julho de 2002), o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Nº 8.069 de 13 de julho de 1990), entre outros não menos importantes. Além disso, o mesmo busca atender as normas que regem as Escolas de Referência em Ensino Médio pertencentes ao Programa de Educação Integral.

A escola em seu plano também possui um regimento onde está contido o conjunto de regras que definem e orientam a organização administrativa, didática, pedagógica e disciplinar da instituição. Nele estão descritos todos os direitos e deveres de todos que convivem no ambiente escolar, bem como as responsabilidades e atribuições de cada pessoa, determinando o que cada um deve fazer e como deve fazer.

No PPP também é descrito atividades pedagógicas realizadas na escola, como: Projeto Interdisciplinar, Estudo Dirigido, Projeto de Robótica, Programa Ganhe o Mundo implantado pelo Governo de Pernambuco, por onde é ofertado aulas de inglês e espanhol e intercâmbio internacional a países de língua inglesa e espanhola, reforço de matemática, Prática de Laboratório (Química, Física e Biologia), simulados de língua portuguesa e matemática para avaliar o perfil de desempenho dos estudantes do 3º ano, entre outros.

Ao longo do período letivo a equipe administrativa faz uma análise dos planos de curso dos professores, para verificar sua relação com os objetivos, os conteúdos curriculares e as opções metodológicas estabelecidas, observam as aulas, acompanham os desempenhos dos alunos e no final de cada semestre letivo, a

comunidade escolar se reúne para apontar, discutir e refletir sobre o cotidiano escolar, levando em destaque as discussões sobre as atividades, as preocupações, as possibilidades, os limites, as alterações na legislação oficial com confronto de posições e decisões da comunidade escolar, afim de que possam replanejar as ações que não foram tão positivas e aperfeiçoar as que deram certo.

No dia 02 de outubro (quarta-feira), tive a oportunidade de observar a reunião de planejamento da escola a qual estou estagiando, no turno da manhã. A reunião foi bastante proveitosa, pois eu pude ver todo diálogo entre professores, coordenação, gestores, no intuito de melhorias do ensino. Na reunião pude perceber vários pontos sendo apontados a fim de serem melhor desenvolvidos na escola, como: as dificuldades enfrentadas pelos alunos, atividades extra classe como forma de melhor ajudar no aprendizado, maneiras de ajudar no rendimento dos alunos nas provas externas de avaliação escolar, maneiras de como melhor ajudar os alunos no desempenho do Enem e SSA, entre outros.

Na reunião a coordenadora apontou um déficit escolar, pois infelizmente encontramos alunos que chegam no ensino médio sem saber realizar as operações básicas de matemática e que cometem erros imensos de ortografia, nesse momento ela frisou um ponto que achei super importante, pois a mesma falou que não basta um PPP bonito, organizado e completo, mas que na prática não vemos evolução, deixando claro que a escola deve se adequar a realidade dos alunos para um bom desempenho, ou seja, deve procurar meios para o que está no PPP, venha na prática acontecer de forma eficaz.

Dessa maneira a escola tem noção da realidade social e econômica de seus alunos, retratando a mesma no seu PPP e na prática escolar, dessa maneira, a escola procura manter relações de aproximação com a comunidade, especialmente com os pais dos alunos, entendendo que o sucesso do estudante depende de um trabalho coletivo que inclua família, parceiros e colaboradores.

No PPP é expressado a cultura da escola, considerando as crenças, os valores, os significados e os modos de pensar e agir das pessoas que participaram da sua elaboração e lutam em busca de uma educação de qualidade, seguindo um ponto defendido por Santos, Silva e Siqueira apud Veiga (2008), onde é citado que o PPP, deve conter ações políticas “a fim de garantir uma formação global e crítica para os envolvidos nesse processo, como forma de capacitá-los para o exercício da cidadania, formação profissional e pleno desenvolvimento pessoal”.

1.2 PLANO DE ENSINO

O planejamento de ensino será desenvolvido principalmente a partir das execuções do docente. É de suma importância o planejamento das atividades escolares, pois o profissional não pode chegar em sala de aula sem saber o que fazer com os alunos, esse profissional deve se preparar antes, decidir o que irá fazer e aprofundar seus conhecimentos acerca do assunto que irá ser trabalhado, também deve refletir sobre quais atividades dão certo na prática, e quais não (para que venham ser reelaboradas).

Para o planejamento de ensino, o docente deve iniciar com o estudo diagnóstico da realidade em que insere a disciplina, pois é necessário o estudo separado de cada turma, já que sabemos que é praticamente impossível o professor conseguir dar a mesma aula em salas diferentes, mesmo que sejam turmas do mesmo ano e com os mesmos assuntos, pois cada turma possui suas peculiaridades e uma atividade que foi realizada e deu certo em uma turma, não significa que dará certo em todas, por isso a necessidade da análise detalhada na hora da elaboração do planejamento. Pois quanto mais se conhece a turma, melhor será o trabalho realizado nela, como diz Luckesi: “Planejar significa traçar objetivos, e buscar meios para atingi-los” (2011, p. 125).

Para se realizar a elaboração do planejamento o professor precisa primeiro analisar a realidade social a qual os alunos estão inseridos, ou seja, dificuldades e desempenhos. Portanto o planejamento deve ter flexibilidade, pois sabemos da necessidade de transformação, pois manter um mesmo formato de aula e em turmas diferentes, terá imensas possibilidades de não dar certo e nem ajudar aos alunos. Partindo desse ponto, Libâneo evidencia que o planejamento tem grande importância por tratar-se de: “Um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social” (1994, p.22).

Na instituição de ensino em que vivenciei a prática de estágio, a questão do planejamento fica livre para cada professor, eles são quem organizam como será desenvolvido as suas aulas, mas seguindo o cronograma dos assuntos disponibilizados pela Secretaria do Estado. A minha supervisora seguiu os planos bimestrais da Secretaria de Educação, mas faz adaptações na prática, quando

necessário. E os planos de aula, ela acaba utilizando o mesmo de acordo com as séries do ensino médio.

Os planos são bimestrais e online, tive acesso através do computador da escola, onde pude ver os planos da disciplina de História, referente ao 2º “A”, “B”, “C” e “D”, pois são apenas aos segundos anos que minha supervisora leciona História. No plano contém: A série, a turma, o período, a quantidade de aulas previstas e de aulas dadas, os objetivos, os conteúdos, os procedimentos metodológicos, procedimentos avaliativos, as habilidades a serem desenvolvidas, o itinerário formativo interdimensional e por fim a aprovação do planejamento, que passa pela visão da própria professora, da diretora e da secretária/educadora de apoio.

A professora também deixou claro que o planejamento dela é bem flexível, pois ela vai adaptando-o de acordo com cada turma que ela leciona, pois as particularidades e desempenhos são diferentes em cada uma. Nesse aspecto, minha supervisora possui uma atitude positiva, pois ela dá um destaque fundamental a um planejamento aquedado em sua prática de ensino, agindo segundo Oliveira (2007, p.21).

“[...] o ato de planejar exige aspectos básicos a serem considerados. Um primeiro aspecto é o conhecimento da realidade daquilo que se deseja planejar, quais as principais necessidades que precisam ser trabalhadas; para que o planejador as evidencie faz-se necessário fazer primeiro um trabalho de sondagem da realidade daquilo que ele pretende planejar, para assim, traçar finalidades, metas ou objetivos daquilo que está mais urgente de se trabalhar.”

A finalidade do plano de ensino é organizar passo a passo tudo o que será trabalhado na disciplina de História ao longo do ano ou por bimestres, como será trabalhado, os conteúdos que serão abordados, os objetivos que esperam alcançar com o formato dele, os métodos que serão utilizados pela professora, formas de avaliação que ela trabalhará com a turma e os meios para se chegar a um pleno desenvolvimento do ensino aprendizagem.

1.3 PLANO DE AULA

O plano de aula é um instrumento essencial no trabalho do professor. No planejamento de aulas, o professor especifica e prepara os procedimentos diários para a constituição do planejamento de ensino, elaborado para as atividades a serem vivenciadas no semestre ou ano letivo, ou seja, nele o professor abordará de forma

detalhada as atividades que pretende executar dentro da sala de aula, assim como a relação dos meios que ele utilizará para realização das mesmas. Através dos planos de aula o docente irá apresentar um esquema e uma sequência lógica dos temas propostos para serem trabalhados, sendo modificados e aperfeiçoados quando necessários.

Na Erem-Marilene Chaves, os planos de aulas também são elaborados pelos professores. A minha supervisora me mostrou seus planos de aula, que ela deixa elaborados em seu notebook. A finalidade do plano é organizar como será o percurso de cada aula, como será trabalhado esse conteúdo em cada aula que contém 50 minutos, as maneiras de estimular os alunos a participação, a comunicação e a relação em conjunto, adaptando o mesmo se necessário de acordo com a turma.

E na minha observação do Estágio, foi perceptível a adaptação e o desenvolvimento diferente das aulas, em cada sala específica, pois como a professora falou, em algumas salas temos a problemática do déficit de atenção, em outras é o do aprendizado, em outras já é o da relação interpessoal, por isso ela retrata que a finalidade do plano de aula específico para cada turma é trabalhar de melhor maneira os conteúdos, e nas minhas observações foi possível ver cada déficit desse em todas as salas, mas também conseguir o esforço que alguns deles fazem para superar essas problemáticas.

Dessa maneira, o plano de aula é utilizado como base para a preparação de aula e é considerado uma peça chave para o alcance de qualquer objetivo profissional. Ele é responsável por conduzir a realização das atividades pensadas, bem como de suas ações, sendo imprescindível na carreira de um professor. Através de um planejamento de aula, o professor possui mais chances de obter êxito no processo de aprendizagem, de modo que sejam evitadas aulas monótonas, desestimulantes e desorganizadas.

Porém na prática docente, o professor não deve ficar preso as amarras de seus planejamentos, ele deve ter autonomia, para altera-lo e deixa-lo de acordo com os moldes de cada turma, para um melhor desempenho. E na prática dos estágios, foi essa visão que pude observar, aulas pensadas e planejadas, por etapas e com antecedência, mas que iam saindo do roteiro quando necessário, ou seja, iam se encaixando ao formato da turma e de acordo com as carências do momento.

2. ENTREVISTAS COM: O GESTOR, A PROFESSORA, O ALUNO E O REPRESENTANTE DA COMUNIDADE

2.1 ENTREVISTA COM O VICE GESTOR

A entrevista é uma parte indispensável do estágio, e pude realiza-la no dia 7 de outubro, em uma segunda-feira, com o vice gestor, já que no momento a diretora não estava na instituição. Através dela, além de ter uma maior interação com o vice gestor sobre as particularidades da escola, também pude compreender melhor acerca do planejamento da escola, das suas etapas e de quem faz parte de todo o processo de planejamento.

O vice gestor expondo sua opinião sobre o que acreditava ser planejamento, ele disse que em sua concepção o planejamento é um conjunto de ações que são discutidas com a comunidade escolar e que tem como principal objetivo traçar metas de funcionamento de atividades que a escola pode propor, inclusive atividades extra classe, para fazer com que o funcionamento da escola seja mais dinâmico e mais atrativo inclusive para os alunos.

Ele falou acerca das etapas do planejamento, dizendo que se inicia pela equipe pedagógica, passando pela equipe administrativa, discutindo todos os pontos com a equipe docente e também debatendo com a equipe de discentes, através do Grêmio Estudantil e utilizando também as reuniões de pais e mestres para discutir e captar ideias dos pais ou responsáveis e assim nós conseguirmos organizar um planejamento mais efetivo e mais atrativo em que ele possa ser trabalhado em toda unidade escolar.

Falou também que a escola realiza um planejamento participativo, com a presença dos alunos e da comunidade escolar de um modo geral, já que são partes extremamente importantes no planejamento e nas atividades escolares. Relatou que a escola coloca os alunos como protagonistas tanto do planejamento, quanto também na execução de cada projeto, de cada evento que a escola se dispõe a fazer.

O vice gestor também falou que planejamento não é uma coisa que obrigatoriamente vai acontecer ou vai ter que se dar, pois sabemos que dificuldades vão acontecer e nós enfrentamos vários obstáculos para executar um planejamento, mas um dos maiores problemas que ele citou na execução do planejamento é justamente com relação da participação de alguns profissionais, que os colegas de

trabalho, uns logicamente, não se enquadram muito bem nesse processo de planejamento e faz com que todo aquele evento, todo aquele procedimento que foi traçado e discutido, termine tendo problemas por conta de alguns profissionais de todos os setores da escola.

Por fim, o vice gestor falou que é realizado uma avaliação depois de terem feito todo esse processo de discursões, de ouvir as partes, de envolver os alunos, pois a equipe gestora e coordenação fazem um acompanhamento de todo processo de execução de cada projeto, de cada ação que é feito na escola, evidentemente que todo esse processo que a escola venha ter e precisa fazer depois, irá passar por uma análise.

E essa avaliação vai desde as discursões com professores, com os alunos, até também uma auto avaliação daquilo que foi feito, se é viável continuar fazendo ou não, ou seja, é feita toda uma avaliação ao final de cada evento que é realizado na escola, dessa maneira, o vice gestor frisa que conseguem construir, melhorar e qualificar aquilo que for necessário e planejar evidentemente o próximo ano letivo. E se compararmos segundo Vasconcellos, que diz: “deve-se avaliar para mudar o que tem que ser mudado” (2005, p. 89), a escola está agindo corretamente em auto se avaliar.

O diálogo com o vice gestor, demonstrou que eles dão um destaque ao planejamento participativo, pois em vários momentos ele destacou a importância de dar voz e participação aos alunos e aos seus responsáveis, porém não tive acesso e nem o vice gestor citou nenhuma atividade que seja desenvolvida ou que deu certo na escola, e que tenha sido ideia e opinião de alguém que faça parte do público externo da escola.

2.2 ENTREVISTA COM A PROFESSORA

Já a entrevista com a minha supervisora de Estágio foi no dia 31, na quinta feira, aproveitamos que a professora não tinha a segunda aula, então dialogamos os 50 minutos. Conversamos acerca do planejamento, que ela o definiu como uma ferramenta que o professor tem, que o permite se organizar previamente quanto aos assuntos que serão ministrados, ou seja, como ocorrerá a prática do ensino.

Também conversamos acerca das dificuldades enfrentadas no planejamento escolar e a professora relatou que a maior dificuldade para ela é criar planejamentos

que englobem as diversas realidades encontradas em todas as turmas, já que ela leciona História nos segundos anos e Sociologia e História da Arte nos primeiros e terceiros anos, além de encontrar tempo suficiente para organizar cada planejamento.

Partindo desse ponto, cabe aos professores na sua elaboração de planos, como pudemos estudar na teoria da disciplina de Estágio, não se limitar, mas sair da sua área de conforto e conhecer as condições e os interesses dos estudantes, pois é o aluno que está no centro do processo educacional, então cabe ao professor adequar sua maneira, se reelaborar, para ir de acordo com as carências de cada sala específica.

Dessa maneira, minha supervisora me comunicou que utiliza diversas fontes nas construções de seus planos, como: Desde o livro didático, até vídeos, apostilas, slides, etc. E observando suas aulas, é perceptível o debate, a comunicação, pois a professora ela não foca em estar lendo o livro, mas percebemos um preparo pré aula, pois ela explica o conteúdo com uma leveza, o conteúdo flui de maneira positiva.

O planejamento escolar em si, consta com a participação desde os funcionários da escola, dos alunos e dos responsáveis. A professora falou acerca da importância da participação dos responsáveis no ato de planejar, pois ela disse que as reuniões realizadas na escola, não é apenas para entregar boletins ou fazer queixas dos alunos, mas ela falou que nas reuniões é falado sobre a realidade da escola, as atividades desenvolvidas e é pedido a participação dos pais, para que eles venham dar ideias.

Nessas ações a escola a qual estou estagiando se mostra com ações participativas e eficazes, pois segundo Santos, Silva e Siqueira, apud Haydt (2000), “para que a escola venha dar certo, é necessário o planejamento escolar participativo”, isto é, todos os segmentos que fazem parte da escola (professores, funcionários, pais e alunos) devem participar do processo de tomadas de decisões.

Minha supervisora também mostrou seus planos de ensino, que são digitais e elaborados por bimestre, ela disse que a elaboração dele é orientado pela Secretaria de Educação, porém na prática ela trabalha com os assuntos de acordo com as carências da turma. Conversamos também acerca das dificuldades de organizar o tempo suficiente para elaborar planos de aulas para todas as aulas, em todas as turmas.

Ela então frisou que na profissão docente devemos ter um certo jogo de cintura, pois temos que dar um jeito próprio, que vamos desenvolvido a partir do

exemplo do outro (nos estágios) e na nossa prática diária quando começamos atuando na profissão, ou seja, temos que dar um jeito, pra conseguirmos fazer dar certo e fazer acontecer. Pois para que as aulas tenham sentido, elas devem ser pensadas uma após outra, por etapas.

2.3 ENTREVISTA COM UMA REPRESENTANTE DA COMUNIDADE

Além da entrevista com o vice gestor e com a professora, também consegui realizar uma entrevista com uma mãe, no dia 22 de outubro, em uma terça feira, aproveitei para observar se quando o vice gestor falou em planejamento participativo, se realmente isso acontece na prática, se os responsáveis pelos alunos, tem noção do que é planejamento, de como ele acontece na escola, se eles têm a noção de que são figuras importantíssimas na elaboração e execução desse planejamento que é a base do funcionamento da unidade escolar.

A mãe que eu pude entrevistar estava na escola, pois tinha ido levar o filho um pouco mais tarde para comunicar que ele teve consulta antes, quando ela estava na secretaria eu aproveitei para fazer o convite e ela aceitou. No decorrer da entrevista ela falou que tinha apenas um filho estudando na escola, cursando o 2º Ano, relatou que gostava da Escola e que o filho faz parte do programa do governo, o bolsa família, ela também relatou que é graças ao benefício social, que ela tem condições de deixar o filho com todo o seu tempo para se dedicar aos estudos e não ao trabalho.

Mas quando, toquei na palavra planejamento, se ela sabia o que seria, senti um pouco de dificuldade em ela descrever o que ela acreditava ser o planejamento. Mas quando eu citei diretamente as reuniões escolares, ela já compreendeu e falou que participava de todas, que nas reuniões era falado sobre notas, comportamentos dos alunos e sobre as atividades desenvolvidas na escola. Isso me levou a perceber que a escola inclui os responsáveis no ato de planejamento, porém não explica claramente aos responsáveis o que seria o planejamento, qual a importância do planejamento, como ele é desenvolvido e que os próprios responsáveis são figuras de suma importância nessa etapa.

2.4 ENTREVISTA COM ALUNO

Também entrevistei um aluno do 2º Ano, no dia 21 de outubro, em uma segunda feira, ele me relatou que gosta da escola, que a considera uma escola bem organizada, os professores incentivam bastante os alunos a se dedicarem ao SSA e ao Enem, fornecem reforço de matemática para os alunos que tem dificuldades, nos dão conselhos e relatou que a escola como um todo trata-os bem, tanto eles, como os familiares deles quando necessitam ir à escola para pedir alguma informação ou para participar de reunião.

E quando perguntei o que ele entendia por planejamento ele falou que para ele planejamento são as ideias que são pensadas e desenvolvidas para a melhoria da escola. Ele até frisou que tudo que vamos fazer na vida, primeiramente pensamos, nos planejamos se vai dar certo, ele até falou que no próximo ano, estará no terceiro ano e que a turma dele já pensa na formatura, viagem, então ele disse que acreditava que a escola também funcionava assim, que a diretora, os professores, pensam primeiro o que fazer na escola e depois eles fazem o que eles acham que irá dar certo.

Continuando a conversa, o questionei se ele sabia quem eram os participantes que criam e que fazem as tomadas de decisões sobre os planejamentos, ele me falou que acreditava que isso estava nas mãos da diretora, do vice diretor, da coordenadora e dos professores, já que são eles que comandam a escola, são eles quem os monitoram, quem colocam as regras da escola, quem escolhem os formatos das avaliações e programam as mesmas.

Porém segui perguntando ao mesmo se ele teria noção que ele também é uma figura essencial no processo de planejamento e de que nesse processo a opinião dele é importante, tanto quanto as das outras equipes da escola, ele então falou que os professores costumam conversar com eles e dizem que se eles tiverem ideias positivas, podem sugerir ao Grêmio Estudantil ou diretamente a coordenadora, para que a gestão venha ficar sabendo e venha realizar medidas em torno dessas opiniões, sejam elas sugestões de melhorias, ou novas atividades na escola ou de até mesmo atividades que eles não gostam, pois essas opiniões também são importantes e são fundamentais na escola.

Mas em questão de participar de reuniões de planejamentos, ou seja, de serem realizadas reuniões específicas com todos os alunos, sobre tomadas de decisões da Escola, ele deixou claro que não acontece, mas que quem participa

dessas reuniões são os componentes do Grêmio Estudantil e geralmente acontecem na diretoria, como eles mesmos e são eles quem expõem opiniões, representando os demais alunos e que os mesmos ficam sabendo das decisões tomadas na escola através de avisos que passam falando de sala por sala ou avisos colados em cada sala, ou seja, ficam sabendo através do repasse de informações.

3. OBSERVAÇÃO DAS AULAS

As aulas de História que pude observar foram das turmas dos 2º anos, pois a minha supervisora só ensina a disciplina de História nos segundos anos, além de História ela ensina História da Arte e Sociologia, aulas essas que eu também pude observar, como eu estava no estágio, fui acompanhando a professora em todas as aulas e foram de bastante proveito, pois me proporcionou a construção e percepção da diferença que existe entre o fundamental II, com o ensino médio.

O ensino médio são alunos mais maduros, a sala de certa forma é mais controlada, eles interagem mais, questionam, relatam suas dúvidas, relembram de aulas anteriores, vão interligando os conteúdos, mesmo tendo as exceções de alguns, que infelizmente não mostram um mero interesse pelos estudos e acabam não dando a mínima pra aula, ficam usando o celular nas escondidas, não pegam o livro na página que a professora pediu para abrir e não acompanham o conteúdo.

A primeira aula que presenciei foi no dia 17 de outubro (quinta feira), na turma do 2º “C”, a professora me apresentou, falou também que fui ex aluna dela e da escola, frisou também da importância dos alunos enquanto estudantes do ensino médio integral, em períodos de Estudo Orientado, de intervalos, deles criarem grupos de estudos, pois os estudos não acabam no terceiro ano, mas vão além e precisam de uma atenção, de um esforço e dedicação.

Na aula a professora explicou sobre o Período Regencial e no decorrer da aula ela vai colocando tópicos do conteúdo no quadro, pois ela leva um roteiro da aula com principais tópicos acerca do assunto e ela não perde tempo com leituras do livro didático, que na maioria das vezes não esclarecem as dúvidas dos alunos. A professora dá a sua aula com uma leveza, os alunos têm a liberdade de perguntar, dar suas opiniões, fazer uma interação, nesse contexto as aulas dela estão de acordo com (FREIRE, 1996, p. 59) onde ele defende que: “Ensinar exige respeito à autonomia do educando”.

Faltando cerca de 10 minutos para o final da aula, a professora pediu que se dividissem em 5 grupos, pois cada grupo ficaria com uma revolta (Revolta dos Farrapos, Revolta dos Malês, Cabanagem, Sabinada e Balaiada) para apresentar, ao entregarem os nomes dos grupos, ela fez o sorteio de qual seria o tema de cada equipe e marcou a apresentação para a semana seguinte.

A professora relatou no momento que estava passando o trabalho com objetivo de que os alunos desenvolvessem melhor o trabalho em equipe (pois teriam que organizar as pesquisas e dividir suas ordens de apresentação), que compreendessem melhor o conteúdo (pois estariam fazendo suas próprias pesquisas, dessa maneira, estariam se aprofundando nos conteúdos) e compreender melhor as características de cada revolta, quem foram os responsáveis, os organizadores, os interesses das revoltas.

Nos 2º "A", "B", "C" e "D" a professora repetiu o mesmo cronograma, pois ela me falou que tenta ao máximo deixar as turmas no mesmo nível, para não ter o problema de uma turma ficar mais na frente em relação a quantidade de conteúdo, do que outras. Ela também frisou que costuma em suas aulas colocar os alunos como protagonistas, apresentando seminários e colocando eles na frente da turma, para eles perceberem o valor de quem está dando um conteúdo merece, os fazendo refletir da atenção que eles merecem enquanto estão apresentando seus trabalhos.

Nos dias 24 e 29 de outubro, pude fazer as observações das apresentações. As considerações gerais que faço ao respeito dos trabalhos que vi, referentes ao 2 "A" e 2 "B", é que infelizmente o desinteresse é decorrente. A professora até questionou no 2 "A" que já muda a rotina, a metodologia das aulas, para que eles venham se interessar, mas não adianta, pois, boa parte da turma leva as coisas sem responsabilidade. Nessa turma, o primeiro grupo que foi apresentar, dois alunos disseram que não queriam apresentar e não foram, e os demais não se prepararam, era perceptível que pesquisaram o assunto na hora e tentavam fingir que sabiam, mas não conseguiam, outros ficaram bastante nervosos na hora da apresentação, mas em aulas normais perturbavam, chamavam a atenção da sala toda e não se mostravam nenhum pouco constrangidos.

Já no 2 "B" eu percebi um maior comprometimento, os alunos se mostravam mais preparados, apresentavam com mais segurança, não focavam apenas em ler, mas em explicar o que entenderam, os grupos em geral, na minha visão tiveram um bom desempenho, tiveram a preocupação em fazer slides, em dividir as ordens das falas. Ao final de cada apresentação a professora fazia algumas perguntas para ver se a turma estava prestando atenção, mas não teve muitas discussões sobre as temáticas das apresentações (que acredito que seria necessário para a retirada de algumas dúvidas ainda existentes), mas compreendo que pelo tempo que é corrido isso não pode ocorrer tão aprofundado.

As apresentações dos 2º “C” e “D”, não consegui observar, pois foram em dias em que não eram meus estágios. A professora colocou os trabalhos como nota de Atividade Avaliativa, avaliando o desempenho, o trabalho em conjunto, a organização, o interesse e o comportamento dos demais alunos enquanto os outros estavam apresentando. A atividade valeu de 0 a 5 e com o fim das apresentações a professora continuou com os conteúdos do 2º Império.

Além das datas citadas acima, também fiz observações nas datas: (04, 05 e 07 de novembro). Onde também tive a oportunidade de acompanhar aulas de História da Arte, onde a professora estava trabalhando com o conteúdo de Romantismo, onde as aulas aconteciam com o mesmo formato, aulas expositivas, dinâmicas, participativas, os alunos visualizam as artes realizadas na época, tirando dúvidas, as comparando com outras técnicas, também peguei uma parte de outro conteúdo a qual ela estava iniciando que é o Realismo.

Em Sociologia a professora estava dando o contexto sobre Culturas (Etnocentrismo e Relativismo Cultural) e passou para que a turma se dividisse em 5 grupos, e cada um elaborasse um gibi, retratando acontecimentos sociais, pude observar as ideias deles, a professora os levou para o refeitório que é um ambiente aberto, mais ventilado, para que eles se sentissem mais a vontade para pensar mais, também fotografei um grupo com a autorização da minha supervisora.

A professora também avisa com antecedência as datas das atividades avaliativas, sejam elas prova ou trabalho, porém percebi uma situação, onde a professora passou um trabalho, marcou o dia onde os grupos iriam se reunir para começarem a elaboração do trabalho e no dia quando eu e a professora entramos na sala, quando ela disse que seria o dia da atividade avaliativa, fizeram um espanto enorme, dizendo que ela estava passando atividade sem avisar, aí nesse momento a professora os questionou, perguntando: Eu falei ou não, que hoje seria a construção do gibi. Ai um por um foram admitindo o próprio erro e confirmando que realmente ela tinha passado.

O que pude concluir em uma situação dessas é que uma parte da turma não estava dando a mínima para a aula, por isso não prestaram atenção no aviso da professora, que já avisou com antecedência para eles se prepararem, e por consequência acabaram fazendo uma má crítica e um pré julgamento da professora. Nesse momento, pude perceber que enquanto docentes, independentemente da situação temos que manter o controle e a paciência, foi isto que a professora fez, ao

invés de se exaltar, ela apenas reforçou o aviso, fazendo com que eles mesmo observassem o próprio erro.

Depois que terminou a aula, nós duas conversando, ela falou que enquanto docentes vamos nos deparar com isso. Onde nós nos preparamos com antecedência, avisando a atividade pedagógica que vamos trabalhar, enquanto alguns alunos infelizmente não nos dão importância, entendem outra coisa, não tem a preocupação de vir até nós, para tirar essas dúvidas, ou não anotam esses avisos, esquecem. E no dia da atividade nos afrontam dizendo que nós não falamos, aí nesse ponto ela disse, que a organização na prática docente é fundamental, pois o que vamos fazendo, nós devemos anotar em uma agenda ou caderno, para não esquecermos de nada, e principalmente das datas de atividade avaliativas, dessa maneira nem cometemos injustiças enquanto docentes e nem somos injustiçados.

Através das observações das aulas, é perceptível que a professora se planeja, pois eu vi aulas bem organizadas, seguidas por etapas, a utilização de atividades pedagógicas diversas, pois ela utilizou a prática de aula expositivas, dinâmicas, interativas, também utiliza atividades pedagógicas diversificadas, pois passou para as turmas apresentações de seminários, onde eles poderiam utilizar até apresentações em slides, ela também passou a construção de gibis, onde eles iriam desenvolver a imaginação na construção das histórias e na elaboração da arte. E ela tem muito cuidado em não atrasar ou adiantar alguma turma, mas utiliza o mesmo seguimento dos roteiros, mas adaptando na prática, de acordo com a turma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao termino dos Estágios pude compreender melhor acerca do que é planejar, de como o planejamento acontece e de que um planejamento participativo é fundamental para todo o desenvolvimento da escola. Pois quando toda a equipe escolar, seja ela gestora, administrativa, de docentes, de discentes e de responsáveis, dialogam, dão sugestões, apontam ideias que deram certo para serem aperfeiçoadas e também apontam ideias que não deram certo, para que venham ser reelaboradas, visando a melhoria da unidade escolar, possibilita que a escola seja mais dinâmica e mais atrativa.

O planejamento de uma escola, faz parte de um processo que passa pela elaboração, execução e avaliação, para que se venha refletir se as ações tomadas foram positivas, se deram certo e se precisam ser revistas. Toda relação escolar está interligada, nada acontece dentro de uma escola solitariamente ou individualmente, pois até uma aula dada por um professor faz parte do plano escolar. Dessa maneira, o planejamento da escola deve ser baseado nos princípios da autonomia, solidariedade e igualdade de todos que compõem o núcleo escolar e do comprometimento com o ensino.

E através do estágio, pude perceber que em relação ao planejamento, tanto a gestão, quanto a professora, dão uma atenção e uma importância ao planejamento, pois tive acesso a um PPP que é atualizado todo ano, observei uma reunião de planejamento que nela foi citado a importância do planejamento, observei os planos bimestrais da professora onde os mesmos são bem estruturados, observei as aulas da minha supervisora onde é perceptível um planejamento com antecedência, pois as aulas eram por etapas e uma complementava a outra.

As vivências de estágio me possibilitaram entender de forma mais aprofundada o destaque que a escola enquanto unidade educacional, deve dar ao planejamento, pois da mesma forma que em nossa vida conquistamos objetivos através de um planejamento, organizando-o em etapas, da mesma forma é a escola, pois para se chegar a metas desenvolvidas e alunos com um bom desenvolvimento tanto como estudantes, quanto cidadãos, é necessário um planejamento escolar. Planejamento que tenha um destaque relevante pela equipe gestora e se inicie por ela mesma, onde possa ser visado todas as carências da escola e seja passado para todas as outras equipes que compõem a mesma, buscando novas opiniões e análises,

para detectar se os planejamentos estão dando certo ou se necessitam de reelaboração.

Partindo dessa vivência, eu enquanto docente em formação, já tenho consciência que quando eu estiver atuando em sala de aula, eu tenho o dever de construir meus planos de aulas e de ensino por etapas, detalhadamente e visando as carências de cada turma, reelaborando quando necessário e obtendo as opiniões também dos alunos. Pois para um planejamento dar certo, é necessário ser participativo e peculiar para cada turma, já que os personagens principais da educação e que devem ser colocados no centro das atenções, são o público discente.

Dessa maneira, foi perceptível que não se tem outro caminho para chegar ao êxito de uma escola, sem ser pelo caminho do planejamento, pois através dele, todos os públicos da escola ganham voz, ganham participação, ganham representação e se sentem ativos dentro da instituição. E com um planejamento democrático, é possibilitado que todas as esferas da escola sejam guiadas de maneira eficaz e responsável, já que o planejamento pedagógico significa conhecer as necessidades e a realidade da instituição, para que venha ser assegurado o cumprimento da missão de dar certo, diante dos projetos e obstáculos particulares que fazem parte da escola.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996

GANDIN, Danilo. **A prática do planejamento participativo: na educação e em outras instituições, grupos e movimentos dos campos cultural, social, político, religioso e governamental**. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LIBÂNEO, Jose Carlos. **Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítica, social dos conteúdos**. 19 ed. São Paulo: Loyola, 1990.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Marizete. SILVA, Ivanda Martins. SIQUEIRA Alcina. **Estágio Curricular Supervisionado II. V. I**. Recife, 2010.

SANTOS, Marizete. SILVA, Ivanda Martins. SIQUEIRA Alcina. **Estágio Curricular Supervisionado II. V. II**. Recife, 2010.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar**. 15 ed. São Paulo: Libertad, 2005.

APÊNDICE

• IMAGENS

